



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS - DLCH
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS- PORTUGUÊS

RITA DE CÁSSIA MORAIS DANTAS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL: A INFLUÊNCIA DA GANÂNCIA EM *O CORTIÇO* E
PREDADORES NAS PERSONAGENS JOÃO ROMÃO E VLADIMIRO CAPOSSO**

CARAÚBAS

2023

RITA DE CÁSSIA MORAIS DANTAS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL: A INFLUÊNCIA DA GANÂNCIA EM *O CORTIÇO* E
PREDADORES NAS PERSONAGENS JOÃO ROMÃO E VLADIMIRO CAPOSSO**

Trabalho apresentado a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Português e suas respectivas literaturas.

Orientador: Eldio Pinto da Silva, Prof. Dr.

CARAÚBAS

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

192 Dantas, Rita de Cássia Moraes.
REPRESENTAÇÃO SOCIAL: A INFLUÊNCIA DA GANÂNCIA
EM O CORTIÇO E PREDADORES NAS PERSONAGENS JOÃO
ROMÃO E VLADIMIRO CAPOSSO / Rita de Cássia Moraes
Danttr Dantas. - 2023.
59 f. : il.

Orientador: Eldio Pinto da Silva Silva.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Letras/Português,
2023.

1. Ganância. 2. Ambição. 3. Cobiça. 4.
Representação social. 5. Literatura comparada. I.
Silva, Eldio Pinto da Silva, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em
conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo)
autor(a). Biblioteca Campus Caraúbas
Bibliotecária: Dalvanira Brito Rodrigues
CRB: 15/700

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

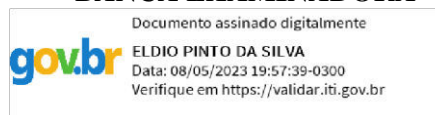
RITA DE CÁSSIA MORAIS DANTAS

**REPRESENTAÇÃO SOCIAL: A INFLUÊNCIA DA GANÂNCIA EM *O CORTIÇO* E
PREDADORES NAS PERSONAGENS JOÃO ROMÃO E VLADIMIRO CAPOSSO**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como requisito para
obtenção do título de Licenciatura em Letras –
Português e suas respectivas literaturas.

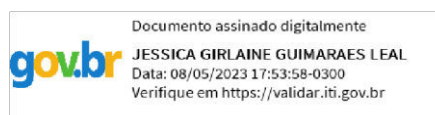
Defendida em: 19 / 04 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eldio Pinto da Silva (UFERSA)

Presidente



Prof. Ma. Jéssica Girlaine Leal (UFERSA)

Membro Examinador Interno

Jose Roberto Alves Assinado de forma digital por Jose Roberto Alves Barbosa [REDACTED]

Barbosa [REDACTED] Dados: 2023.05.08 18:23:39 -03'00'

Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa (UERN)

Membro Examinador Externo

Dedico este trabalho a duas pessoas que não estão mais conosco, mas que me apoiaram para que eu crescesse: Talysson Haussen e Elineide Costa. Sempre serei grata por tudo de bom que vocês me ensinaram! Também dedico a Milton Nunes De Almeida Filho, um colega de curso que perdemos para a Covid-19. Não o conhecia muito bem, mas sei o quanto era capaz e dedicado, e me espelho em sua memória.

AGRADECIMENTOS

Para agradecer a todos, quero dedicar uma frase muito importante a todos que estiveram desde o início desta graduação: “Embora seja bom acreditar em si mesmo, uma ajudinha dos outros pode ser uma grande bênção”. Frase de um personagem chamado Iroh (Avatar, a lenda de Aang) em que sempre lembrei de todas as demandas e incertezas na qual passei e essas pessoas estavam ali para que possamos nos apoiar.

Agradeço primeiramente a Grazielle Almeida Rocha, por ter insistido que eu me inscrevesse no processo seletivo e a minha família, por todo o apoio que tive desde antes do início do curso. Minha mãe Fca. Luzia de Moraes e ao meu pai Antônio Dantas Sobrinho. Ao meu irmão Denner Moraes Dantas e minha avó Antônio Luzia de Moraes. Minha tia Apolônia Moraes, Minha irmã Mara R. M. Dantas, tia M. Cilene Dantas; as primas Nadjhalinny Dantas Teixeira (outra mãe do meu filho) e Nadjhalene Dantas Teixeira. Em especial, a Arthur Miguel Moraes de Oliveira, meu filho. Que me mostrou a cada dia o motivo de determinação em continuar no curso mesmo quando parecia perto de desistir.

Agradeço as mães adotivas Rosângla Maria S. A. Ferreira, Hirmênia, Edivaneide, Katia Cortêz, Maria Mônica da Silva e Antônio Lúcia de Carvalho. Elas me deram força e me ajudaram quando poucas pessoas acreditaram que eu conseguiria finalizar o curso. Sempre serei muito grata a todas com o amor com que me trataram.

Agradeço aos professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, em especial, o professor Cid Ivan Da Costa Carvalho, por além de tudo, ser um amigo para todas as horas. A Cibele Naidhig de Souza por ser além de professora, uma amiga com ótimos conselhos. A três professores que fizeram grande diferença quando eu estive em crises de ansiedade, que são Elaine Cristina F. Ferreira, Cícera Antoniele C. Da Silva e Pedro Fernandes. A Vicente De Lima Neto, que sempre tratou seus alunos como “professores em formação” e nunca como estudantes de uma graduação. A Simone Maria da Rocha, pelo carinho especial com meu filho. A Fernando Da Silva Cordeiro, como professor humano e coordenador do PIBID, que sempre colocou as necessidades dos alunos à frente do programa e a Jeová A. Rosa Filho que, como coordenador da Residência Pedagógica, nos mostrou como sermos não apenas professores melhores, mas sermos pessoas melhores. A Vanessa e Maria Marcia F. De Azevedo, que me mostraram a comunidade surda. As professoras Andrea Freitas, Luciana Mafra e aos professores Fco Vieira Da Silva (se tornou um grande amigo) e Mário Gleisse C. Martins e Leonildo C. Miranda, que ensinaram o amor a nossa língua materna e literatura.

Agradeço a Juliana Carlos Fernandes (uma grande professora e mulher). A Marcia J. da Silva e Ana (Laurismar Sales da Silva) da Creche Meu Cantinho, que acreditaram na minha competência. A Rosimery Odeany Cunha; a professora Graças e ao professor Luiz Eduardo da Silva Andrade. A Valéria Regina de Carvalho, por me dar uma oportunidade nesta etapa da minha vida e ser junto a sua família, uma luz para a minha vida.

Agradeço ao orientador, Eldio Pinto da Silva, pela paciência que teve em cada momento e a atenção dada. Agradeço a Banca Examinadora Prof. Ma. Jéssica Girlaine Leal e José Roberto Alves Barbosa duas vezes, como professor primeiramente e pela confiança em ler este trabalho e avaliações passadas.

Agradeço aos meus amigos: Tancredo José de Carvalho, Elaine Geogyanna L. Araújo (me mostrou como é ganhar uma nova irmã), Maria Edinaria de Oliveira, Welson, Ingryd Giselle Tertulino De Brito (que me mostrou que não existe distância e nem desculpas para uma verdadeira amizade e minha alma gêmea), Maria Jayne Soares Mendes (nossas loucuras se completam), Alexandro Oliveira de Lima e Heberton Pereira (grandes incentivadores), Heloisa Ingrid, Wildemar Galdino e Dívvia Poliane Ferreira de Lima, Letícia Bonavides, Valéria Duarte de Almeida, Sabrina Scandolari Marques, Maria Francilene S. S. Fernandes e Simone Beserra Moreira, que foram pessoas que sempre estavam ali para me apoiar de alguma forma.

Como vai haver paz/ Quando não há justiça? /
Alguém está levando mais do que sua parte/
Das bondades desta terra e isso não é justo/
Tão poucas pessoas tendo mais do que
precisam/ Enquanto há tantas bocas famintas no
mundo/ para serem alimentadas/ E eu daria o
meu coração tão verdadeiro/ E eu darei o meu
amor para você, diga-me/ Como vai haver paz/
Se não há justiça?

Jimmy Cliff

RESUMO

O propósito deste trabalho consiste em estabelecer uma análise sobre a ganância dos personagens João Romão, em "O cortiço", de Aluísio Azevedo, e Vladimiro Caposso, em "Predadores", de Pepetela, discutindo sua representação social nas respectivas narrativas. A pesquisa foi realizada a partir de uma perspectiva teórica que privilegia a Literatura Comparada, realizando observações dos personagens dos referidos romances. Em virtude das diferentes posições ocupadas pelos dois países durante a colonização por Portugal, as representações desse processo acabam sendo distintas, desde a ênfase de relações de identidade e de diferença no diálogo entre as obras. Em vista disso, os textos literários são entendidos a partir de contextos estético-ideológicos que são utilizados para construir representações da ganância. Assim, este trabalho realiza explorações de semelhanças e diferenças entre as personagens, enfatizando ganância e ambição. A pesquisa foi baseada em um aporte metodológico de cunho bibliográfico, especificamente centrado pela literatura comparada por Carvalhal (2006) e as representações sociais por Serge Moscovici (2007). Realizada a leitura das obras, é possível deduzir que os objetos de estudo (as personagens), apresentam semelhanças e distâncias notáveis, ambos frutos da sociedade em que vivem, embora fictícias, confirmam a estreita relação entre a literatura e a sociedade.

Palavras-chave: Ganância; Ambição; Cobiça; Representação Social, Literatura Comparada.

ABSTRACT

The objective of this work is to establish an analysis of the greed of the characters João Romão, in "O cortiço", by Aluísio Azevedo, and Vladimiro Caposso, in "Predadores", by Pepetela, discussing their social representation in the respective narratives. The research was carried out from a theoretical perspective that privileges Comparative Literature, making observations of the characters of the aforementioned novels. Due to the different positions that the two countries occupied during the Portuguese colonization, the representations of this process end up being different, based on the emphasis on relations of identity and difference in the dialogue between the works. Given this, literary texts are understood from aesthetic-ideological contexts that serve to build representations of greed. Thus, this work explores similarities and differences between the characters, emphasizing greed and ambition. The research was based on a methodological contribution of a bibliographical nature, specifically focused on the comparative literature of Carvalhal (2006) and the social representations of Serge Moscovici (2007). After reading the works, it is possible to deduce that the objects of study (the characters) present notable similarities and distances, both fruits of the society in which they live, although fictitious, they confirm the close relationship between literature and society.

Keywords: Greed; Ambition; Greed; Social Representation, Comparative Literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LITERATURA COMPARADA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL	14
2.1 Literatura Comparada.....	14
2.2 Representação Social.....	23
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	31
3.1 Base Metodológica	31
3.2 Análise do Conteúdo	32
4. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GANÂNCIA NAS NARRATIVAS.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise comparativa sobre a ganância entre João Romão, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e Vladimiro Caposso, em *Predadores*, de Pepetela, baseado nas representações sociais (Serge Moscovici, 2007). Dessa forma, buscar-se-á compreender o que significa a ganância segundo aspectos sociológicos (histórico-políticos) e psicológicos das personagens expostas. Apresentando duas obras pós-coloniais¹, uma do cânone literário brasileiro e outra da literatura africana angolana, e de contextos político-sociais relacionados a história e cultura dos dois países após a independência de Portugal, em que é possível inferir que a ganância e a ambição estão presentes em ambas as narrativas.

Quando se fala em ambição e ganância é necessário lembrar que, na Literatura, há muitos personagens gananciosos. Entre os mais antigos conhecidos, Euclião², personagem da Peça teatral *Aulularia*, de Plauto; podemos lembrar de Ebenezer Scrooge³, o seu Scrooge, personagem principal da história *Um Conto de Natal* (1843), de Charles Dickens; o dragão Smaug⁴ (*O Hobbit*), nas obras de J. R. R. Tolkien e um dos mais atuais conhecidos são o Tio Patinhas⁵ – Disney – série animada. A partir dos conhecimentos desses personagens gananciosos, podemos entender suas motivações e entender o significado de ganância baseado nas representações que mais temos contato no dia a dia.

A *ganância* é sinônimo de dois pecados capitais (GRISWOLD, 2018, p. 88): a *avareza*, que pode ser entendida como um orgulho excessivo, e a *soberba*, que é o pecado da pessoa exageradamente vaidosa e que acredita e se comporta como se ela própria estivesse acima de tudo e de todos. A partir disso, podemos entender a ganância como sendo uma predisposição de alguém se considerar superior a outras pessoas, bem como o apego excessivo aos bens materiais. A pessoa gananciosa não gosta de dividir, isto é, não gosta de compartilhar nada e

¹ De acordo com Chauvin (2015), o conceito de *colônia* é “sobremodo amplo, tanto em termos históricos quanto em seu arcabouço religioso, artístico e cultural”. O colonialismo foi uma dominação direta, econômica e política, principalmente sobre territórios americanos, africanos e asiáticos (sec. XVI). O pós-colonialismo se volta contra a narrativa evolucionista eurocêntrica que por muito tempo justificou ideologicamente os processos de colonização. Tal concepção evolucionista sustentava que os países da Europa ocidental seriam culturalmente mais evoluídos, portadores de uma ideia de civilização a ser exportada do centro para a periferia. Nesse processo, as experiências dos “outros” não europeus foram sistematicamente marginalizadas da produção científica, através da canonização de formas de conhecimento produzidas pelos países dominantes.

² COSTA, Aída. Plauto, *Aulularia*: a comédia da panelinha. São Paulo: DIFEL, 1967.

³ DICKENS, C. *Um conto de natal*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

⁴ TOKIEN, J.R.R. *O Hobbit*. (2003). São Paulo. Martins Fontes.

⁵ Foi criado pelo cartunista Carl Barks. Sua primeira aparição em quadrinhos se deu em dezembro de 1947. Ver mais em: DORFMAN, A. MATTELART, A. *Para ler o Pato Donald*. Comunicação de massa e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

faz de tudo para ter sempre mais e tenta adquirir poder e prestígio social como um dos maiores objetivos de vida. E pode-se notar todas essas características nas personagens João Romão e Vladimiro Caposso ao longo das duas narrativas estudadas.

O interesse por trabalhar o tema *Representação social da ganância* surge a partir de que as obras africanas (no caso, angolanas) podem ser bem trabalhadas por meio de um estudo comparativo com os clássicos brasileiros, pois vemos muitas semelhanças, como os papéis da sociedade na elevação e prestígio social e financeiro buscada nas duas narrativas. Dessa forma, por se tratar de Brasil e de Angola, dois países colonizados por Portugal em busca de independência política e social, vemos questões históricas como a exploração social nas obras em análise. Exploração, esta que adveio justamente pela colonização (através da ganância dos portugueses) que, devido a essa cobiça por minérios naturais, madeira, especiarias, sementes e plantas, utilizaram mão de obra escrava para essa exploração em ambos os países colonizados.

Por isso, é necessário fazer uma análise desse conteúdo, de forma que essa questão da ganância não seja tratada apenas como uma herança da colonização e sim, para compreensão do tema ganância e da forma como ela foi explorada pelos autores. Em razão disso, mesmo as narrativas acontecerem em tempos passados, o tema é de grande relevância na atualidade, já que possuímos documentos literários e históricos que demonstram a ocorrência da ganância em diversas sociedades e suas consequências. E através desse contexto, é que mesmo hoje, podemos ver que é muito comum vê-la sendo retratada em diversas obras literárias e/ou em telenovelas.

Vale ressaltar que mesmo que *O cortiço* e *Predadores* tenham sido produzidas e publicadas em países e épocas distintas, elas foram escritas em Língua Portuguesa e possuem temas relacionados à realidade social de cada sociedade referenciada, que é o sofrimento gerado pela opressão vivido por quem é vítima da ganância. Assim, como a Língua Portuguesa também é uma herança da colonização de Portugal se observa a importância de ler e estudar sobre essas obras, fazendo um estudo comparativo para buscar as relações e divergências, refletindo a representação social da ganância presente nelas.

Destaque-se que a teoria das Representações Sociais através dos estudos de Serge Moscovici é importante neste estudo, visto que tem como principal “uma modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos” (MOSCOVICI, 2007, p. 27). Nesse sentido, a realização dessa pesquisa se dá em três capítulos. No primeiro, “Pressupostos teóricos: literatura comparada e representação social”, temos uma apresentação de pressupostos teóricos da literatura comparada, discutindo a respeito de sua definição e estudos, ressaltando as concepções mais relevantes e as principais

contribuições para os estudos literários, abordando também as noções de representação social, devido algumas relações transtextuais⁶ nas obras, ou seja, das relações que os textos podem conter, (segundo GENETTE, 1982; 2009) da ganância entre as duas obras em estudo (relação entre literatura e sociedade). Desse modo, servindo de exposição inicial sobre o que é Representação Social.

No segundo capítulo, intitulado de “Aspectos metodológicos”, trataremos de mostrar como foi realizada a pesquisa, a busca de textos teóricos e como foi realizada a análise. Em seguida, no capítulo intitulado de “A representação social da ganância nas narrativas”, é discutido sobre a representação social da ganância e a prática social na arte literária. Destacar-se-á os termos “ganância”, “ambição” e “cobiça”, apesar de as temáticas estarem presentes nas duas obras, serão explicadas durante o prosseguimento do trabalho, entre outras, e veremos como as ações refletem nas sociedades destacadas, expondo, na prática, teorias da Literatura Comparada.

⁶ A obra literária, para Gérard Genette, “[...] consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa seqüência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação”. (2009, p. 9). Genette (1982) explicita seu entendimento acerca da transcendência textual, ou transtextualidade, incluindo nessa noção cinco tipos de relações transtextuais, que não pretendem ser nem exaustivas e nem definitivas: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e architextualidade. Fonte: Edição francesa: Edição francesa: GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Ed. du Seuil, 1982. Traduzido por GUIMARÃES, Luciene; COUTINHO, Maria Antônia Ramos.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: LITERATURA COMPARADA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL

2.1 Literatura Comparada

Quando se fala em Literatura Comparada, normalmente pensamos através de nosso conhecimento de mundo que se trata de apenas “comparar” textos e buscar diferenças e distinções entre eles. Não obstante, acontece essa *redução*⁷ do significado desse termo de como se apenas pudéssemos trabalhar Literatura Comparada de forma a buscar diferenças entre os textos escolhidos para análise.

A literatura é um conhecimento que envolve diversos outros tipos de aprendizados. Não serve apenas para entretenimento, mas também para reflexão. O leitor através dela pode se orientar e obter um conhecimento crítico sobre si, outros indivíduos e a sociedade. Dessa forma, se despertar para a arte. O estudo literário comparado não é recente, de acordo com Coutinho e Carvalhal (1994), se trata de um movimento que teve início na Idade Moderna em países como França, Alemanha e Inglaterra e segundo as palavras dos autores: “[...] legado autêntico da crítica antiga [...]” (COUTINHO; CARVALHAL, 1994, p. 27). Percebe-se que a palavra *legado*, aqui, significa herança, uma tradição que expõe a crítica como algo construtivo e principalmente autêntico.

É notório que a literatura está estreitamente correlacionada às práticas sociais, pois existe um vínculo de ligação entre ambas, em virtude de a sociedade impor condições e determinar comportamentos e eles serem retratados e expostos na forma artística, aqui especificamente, nas narrativas do romance literário. Em outras palavras, há uma espécie de vínculo entre a obra e o ambiente em que se passou o referido enredo, podendo esta, ser considerada como um espelho de determinada sociedade e cultura, como podemos ver em: “Na escrita de Pepetela verificamos muito da história, da memória e da identidade de Angola” (RODRIGUES, 2020, p. 78).

Da mesma forma, na escrita de Aluísio Azevedo, *O Cortiço* é considerado um dos exemplos de expressão do Naturalismo brasileiro do final do século XIX. Mas não apenas por isso que se deve julgar uma obra ou atribuir significado ou juízo de valor analisando somente esses aspectos, pois entendemos que a sociedade muda constantemente e apesar de ela ter

⁷ No sentido de restrição.

*emprestado*⁸ parte de nossa realidade palpável e histórica nessas obras literárias, devemos buscar compreender as motivações das personagens e o contexto no qual se deseja expressar. Sabendo disso, é possível realizar análises em textos de diversas formas e entre elas, dentro da Literatura Comparada, está também uma forma de também fazer relações entre os textos lidos. Dessa forma:

Acentua-se, então, a mobilidade da Literatura Comparada como forma de investigação que se situa "entre" os objetos que analisa, colocando-os em relação e explorando os nexos entre eles, além de suas especificidades. Os estudos interdisciplinares⁹ em Literatura Comparada instigam a uma ampliação dos campos de pesquisa e à aquisição de competências (CARVALHAL, 2006, p. 74).

Por isso, dada tal importância, a partir do material trabalhado, pode-se observar o quanto é importante relacionar obras (mesmo de diferentes países, como veremos durante o prosseguimento deste estudo). O conceito de literatura nesse sentido engloba vários saberes que podem fazer parte do conhecimento dos textos estudados (a cooperação que a interdisciplinaridade pode trazer). A literatura leva o leitor a viajar e a adentrar em outros campos de conhecimento, conforme o conteúdo ou a temática estudada na obra literária. Assim, a leitura literária pode exercer no leitor um papel formador e contribuir para o desenvolvimento de habilidades como promover-lhe o senso crítico.

Em relação às obras *O cortiço* e *Predadores*, nota-se que se pode trabalhar aspectos não apenas críticos dentro da análise literária, mas aspectos históricos, psicológicos (das personagens), sociais (mediante a ideologias políticas, que levam as personagens a querer ascender socialmente), entre outros. Abaixo, Carvalhal demonstra esses aspectos interdisciplinares dentro dos campos de investigação comparativista:

Outros campos da investigação comparativista também progrediram com o reforço teórico, entre eles o das relações interdisciplinares. Literatura e artes, literatura e psicologia, literatura e folclore, literatura e história se tornaram objeto de estudos regulares que ampliaram os pontos de interesse e as formas de "pôr em relação", características da Literatura Comparada (CARVALHAL, 2006, p. 73-74).

Assim, ao escolher duas obras de países e literaturas distintas (Brasil e Angola), podemos notar as semelhanças e o contraste entre ambas e buscar um equilíbrio da análise, ou seja, podemos citar como exemplo de semelhança a Língua Portuguesa, na qual foram redigidas

⁸ No sentido de exprimir.

⁹ O que seria a interdisciplinaridade senão a construção de um sistema complexo que visa integrar as verdades de cada disciplina como unidades simples, mas aceitando suas diferenças e respeitando a complexidade de sua própria formação, reintegrando cada disciplina em um todo que já foi um dia naturalmente unido. (DOS SANTOS PACHECO; TOSTA; DE SÁ FREIRE, 2010, p. 137).

e publicadas. Dessa forma, por ter havido uma colonização nos dois países pela mesma nação colonizadora (Portugal), chamamos isso de *herança colonial*¹⁰, pois este idioma foi ensinado e usado em documentos oficiais dentro das colônias e, em seguida, se tornando oficial, demonstrando o poder do colonizador como uma nação considerada superior sobre as colonizadas.

E mesmo que as obras tenham sido produzidas em períodos distantes/diferentes, percebemos o contraste entre ambas: elas abordam temas referentes à suas realidades sociais nos respectivos países em que foram produzidas, bem como no tempo cronológico de cada obra, como veremos no prosseguimento deste estudo. Assim, é possível analisar suas semelhanças e suas distinções segundo o conceito de representação social definido por Silva E:

As representações sociais refletem sobre como os sujeitos constroem seu conhecimento a partir da cultura, das tradições e como esse conhecimento se estabelece na sociedade. Em suma, como os sujeitos e a sociedade interagem para construir a realidade. Estas representações configuram-se como expressões de atitude e modalidades de comunicação orientadas para transmitir conhecimento, servindo para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que se vive através do conteúdo apreendido pelos sentidos, pela experiência, pela memória, pela imaginação ou pelo pensamento, contribuindo para a construção de uma realidade através da linguagem (SILVA E, 2013, p. 15-16).

No contexto social, a literatura também possui seu espaço e mediado ao contexto histórico, temos uma reflexão dos problemas causados e suas consequências. Desse modo, a literatura não abrange apenas a forma lúdica de entreter o leitor, também retrata os níveis sociais em que uma sociedade se enquadra e na qual é inspirada. Por exemplo, por meio dela, podemos entender que o principal objetivo da metrópole¹¹ em relação a sua colônia, é a obtenção de materiais que possam enriquecê-la, tudo por meio da exploração.

Em *O cortiço*, vemos a figura do português, na personagem de João Romão, ascendendo socialmente no Brasil a partir da exploração de Bertoleza (uma escrava fugida) e dos recursos que conseguiram juntos, roubando juntos. Em *Predadores*, Caposso é um angolano que ascende socialmente após herdar um pequeno comércio de um português, que o leva a entrar para um partido político e através da corrupção na qual já existe no partido, Caposso se torna um grande burguês a partir de seu caráter e atitudes corruptas.

O cortiço foi lançado no ano de 1890, quando o Brasil havia acabado de se tornar uma República, essa obra retrata o período do Segundo Reinado. *Predadores* é uma obra publicada no ano de 2005, que narra a história de Angola a partir de um ano antes da Independência de

¹⁰ NEVES, Paulo Sérgio da Costa; MOUTINHO, Laura; SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Herança colonial confrontada: reflexões sobre África do Sul, Brasil e Estados Unidos. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.

¹¹ No contexto de nação colonizadora.

Angola de Portugal (1974 – A Independência se deu no ano de 1975) até o ano de 2004. Aqui pode-se observar que ambas as obras são pós-coloniais¹² (termo que será melhor definido posteriormente), ou seja, há uma crítica ao colonialismo¹³ e à colonização em ambos os países. Dessa forma, mesmo as histórias de vida dos autores são pertinentes a este estudo, pois:

De todos os procedimentos de periodização, o mais simples é o que considera as gerações as quais pertenceram os escritores. É, aliás, o mais antigo, posto que é o próprio fruto das observações dos filhos colocados em face dos pais e dos avós, e inversamente (BRUNEL; PICHOIS; ROUSSEAU, 1990, p. 71).

Aluísio Azevedo era filho de um vice-cônsul português e além de escritor, jornalista e caricaturista exerceu a atividade de diplomata em vários países. Observador dos problemas sociais do Brasil, mudou-se do Maranhão para o Rio de Janeiro, onde produziu várias obras que denunciavam através do narrador algumas questões raciais, sociais e de gênero. Aluísio Azevedo¹⁴ também é descendente de portugueses, mas nascido no Brasil. Um dos maiores representantes do Naturalismo no Brasil e que passou pelo período da abolição de escravos no Brasil sempre demonstrando através de suas obras, sua propensão abolicionista que foi bastante exposta em sua obra *O mulato*¹⁵, de 1881.

Pepetela¹⁶ (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos) participou ativamente na luta pela independência de sua terra natal. Pepetela é angolano e possui ascendência portuguesa. Por ter sido criado com pessoas de diferentes classes sociais, não deixou que seu privilégio o cegasse para as desigualdades sociais. E não apenas isso, mas a relação desses autores com seus respectivos países natais, sua ascendência, suas experiências de vida e a forma como eles veem o mundo e trabalham suas obras através desse conhecimento de que possuem é tão importante como mostra Betz:

¹² O pós-colonialismo se volta contra a narrativa evolucionista eurocêntrica que por muito tempo justificou ideologicamente os processos de colonização. Tal concepção evolucionista sustentava que os países da Europa ocidental seriam culturalmente mais evoluídos, portadores de uma ideia de civilização a ser exportada do centro para a periferia. Nesse processo, as experiências dos “outros” não europeus foram sistematicamente marginalizadas da produção científica, através da canonização de formas de conhecimento produzidas pelos países dominantes. O pós-colonialismo busca romper com essa história única e eurocêntrica, evidenciando as relações de poder que estão por trás da produção de conhecimento. Ver mais em: (BONNICI, 1998).

¹³ De acordo com Chauvin (2015), o conceito de *colônia* é “sobremodo amplo, tanto em termos históricos quanto em seu arcabouço religioso, artístico e cultural”. E esse conceito pode se referir “a uma série de linguagens e atos perpetrados, não exclusivamente sob o arbítrio dos seres ditos humanos (...). De todo modo, o termo ganhou novas acepções com o passar dos tempos” (p. 51).

¹⁴ Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo.

¹⁵ AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. Maranhão: Typ. do Paiz, 1881.

¹⁶ Durante todo este trabalho, o autor Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos será chamado por seu pseudônimo Pepetela no lugar de seu verdadeiro nome, devido sua obra estar constando este nome e assinado como autor da obra estudada.

A resposta à pergunta principal – o que se entende por história da Literatura Comparada – é a seguinte: trata-se de qualquer reflexão sobre uma literatura nacional em termos de literatura geral; a história do desenvolvimento literário de um povo em comparação com e no contexto das literaturas de outras nações civilizadas. Assim como o estudo da filologia é inconcebível sem a comparação, toda pesquisa literária que se considere erudita tem de ser comparativa (BETZ, 1994, p. 45).

Verifica-se que os estudos de Literatura Comparada se tornaram relevantes nos últimos anos, trata-se de um objeto de estudo que mais chama atenção do público que aprecia a conceituada literatura. Comparar é algo próprio da existência humana, é comum a comparação em todos os sentidos, inclusive literário. Portanto, além de todo este arcabouço, é necessário realizar todas as investigações possíveis para realizar uma boa análise.

A abordagem da Literatura Comparada centra-se no estudo das semelhanças, fazendo comparações para verificar as equivalências e explicar as diferenças. Os métodos comparativos, ao lidar com explicações de fenômenos literários e eventos de fatos de narrativas, permitem a análise de informações para inferir elementos constantes, abstratos ou gerais neles presentes. Ocasionalmente, os métodos comparativos são vistos como mais superficiais do que outros. No entanto, em outros casos, seus procedimentos são desenvolvidos sob rígido controle (método científico e buscas por saberes interdisciplinares, quando é o caso) e seus resultados podem proporcionar um alto grau de universalidade nessas análises.

Pensando dessa forma, Brasil e Angola são países que possuem um ao outro na história de suas nações. Além de ambos fizeram parte do Império Colonial Português¹⁷, o Brasil neste período recebeu muitas pessoas angolanas que foram escravizados e que deram descendência a pessoas que moram hoje no país, bem como o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola em 1975 e a forma como os países hoje se relacionam. Segundo Betz:

Investigar como as nações aprenderam umas com as outras, como elas se elogiam e criticam, se aceitam e rejeitam, se imitam ou distorcem, se entendem ou interpretam mal, como elas abrem os corações ou se fecham umas às outras, mostrar que as individualidades, como períodos inteiros, não são mais do que elos de uma cadeia longa e multifilamentada que liga passado a presente, nação a nação, homem a homem – estas, em termos gerais, são as tarefas da história da Literatura Comparada (BETZ, 1994, p. 54).

Através do método comparativo precedido pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e as similaridades entre eles. A partir dessas ideias, pode-se observar ideias científicas nas duas obras: Naturalismo em *O cortiço*, por ter conceitos Darwinistas (a redenção e sobrevivência do mais forte). João Romão é um homem

¹⁷ No século XX, começou a ser hábito designar Portugal europeu como "metrópole", e o conjunto das colônias como "Ultramar". Fonte: HAAG, Carlos. Um imenso Portugal. *Revista Fapesp*, 2012.

sem escrúpulos, que roubava, enganava e a partir disso, seu patrimônio crescia. Se tratando de Caposso, de *Predadores*, logo no primeiro capítulo já mostra sua frieza ao assassinar duas pessoas com uma arma de fogo. E durante a narrativa, a continuidade dos atos advindos em benefício próprio e apropriando-se sempre de sua “herança adquirida” através da corrupção. Dessa forma, Caposso, em *Predadores*, busca estar no topo, acima de outras pessoas no contexto social.

Carvalho (2006, p. 82) diz que o “apanágio da Literatura Comparada tradicional era o ‘eurocentrismo’¹⁸”, fortalecido pela identificação de dependência cultural dos países frutos da colonização¹⁹, que tinham seus olhos voltados para a Europa, matriz e modelo. Assim, também ao estudar a literatura da nação colonizadora²⁰ de Brasil e de Angola, é possível notar particularidades e frutos de uma herança literária: “A articulação entre teoria literária e Literatura Comparada foi indispensável ao novo impulso que receberam os estudos comparativistas mostrando-se rentável e benéfica” (CARVALHAL, 2006, p. 73).

Portanto, “Vários aspectos das relações interliterárias”²¹ passaram a ser analisados sob outra óptica e com outros objetivos, os estudos sobre tradução ganharam uma posição central na reflexão comparativista e os trabalhos sobre história literária tomaram novas direções (CARVALHAL, 2006, p. 73). Silva E. nos diz que:

Enquanto que os externos são os fatores sociais, o contexto político, econômico que podem conduzir a idealização do texto. Por outro lado, é fundamental discernir que o fator individual confere a situação em que se encontra o autor e, consequentemente, como ele produz o texto, como estabelece o uso dos recursos linguísticos, intra e extratextuais e as relações de tempo e de espaço narrativos com a sua realidade enquanto escritor (SILVA E, 2013, p. 14).

A estrutura de *Predadores* não é linear, ou seja, a narrativa começa em 1992, mas a história ali narrada vai de 1974 a 2004. Porém a organização de cada capítulo possui a narrativa descrita por anos nos quais não há ordem cronológica. A trama acontece segundo o dinheiro guiando a vida de Vladimiro Caposso. A partir do momento em que assumiu a mercearia do proprietário quando regressou a Portugal, Caposso procurou formas de sobreviver neste país independente e na nova situação política.

¹⁸ Diz respeito à percepção de que a Europa, sua história e suas questões, são centrais em relação ao resto do mundo. É a maneira de explicar o mundo a partir da Europa, seja através da história, da cultura ou da economia.

¹⁹ Os estudos pós-colonialistas, inaugurados por Edward Said com a obra *Orientalismo*, que autores nativos começam a questionar de forma sistemática a visão europeia sobre esses povos e sua cultura. São também eles que apontam o eurocentrismo como uma marca no modo de se pensar o mundo (SAID, 2007) – Ver Referências.

²⁰ LOBO, Rosana Corrêa. África portuguesa: Considerações sobre literatura e identidade cultural. *ContraPonto*, v. 2, n. 1, p. 191-201, 2012.

²¹ Que envolve ou diz respeito à literatura de dois ou mais países ou regiões diferentes. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aa/interliterário>. Acesso em 03/02/2022.

No que diz respeito à “*O Cortiço*”, gira em torno da habitação coletiva de João Romão, que explorando os moradores miseráveis do cortiço, através de sua ganância e avareza, consegue enriquecer, sendo que o enredo se passa no Rio de Janeiro, mais especificamente, no Segundo Reinado (1840-1889), ou seja, o Brasil já era independente de Portugal. Segundo Sikora e Guidi:

No Brasil existia dois movimentos políticos importantes, um era a favor de que houvesse a Revolução Republicana Liberal Abolicionista, o outro era formado por uma elite agrária muito conservadora. O movimento Republicano e Abolicionista ganhou força por causa da insistência de D. João VI em permanecer no Brasil. A insatisfação com a permanência de D. João VI no Brasil, fizeram com que os portugueses liderassem a Revolução Liberal do Porto no ano de 1820. A independência do Brasil teve como grande ponto de partida a Revolução Liberal do Porto, que tinha intenções para o Brasil diferentes das que a elite brasileira possuía. Essa divergência de interesses fez com que essa camada social passasse a defender a ideia de ruptura do laço existente com a metrópole. (SIKORA; GUIDI, 2021, p. 590).

Quando se fala em Independência de um país da colonização, a de Angola deu-se no dia 11 de Novembro de 1975, quando o então primeiro Presidente de Angola, Agostinho Neto, proclamou a independência de Angola, de Portugal. Este acontecimento deveu-se, em grande parte, aos acontecimentos militares e políticos que ocorreram um ano antes em Portugal, aquando da Revolução de 25 de Abril de 1974. O controle de Angola estava dividido pelos três maiores grupos nacionalistas *MPLA*²², *UNITA*²³ e *FNLA*²⁴, pelo que a independência foi proclamada unilateralmente, pelos três movimentos:

Para entender a história recente de Angola, é necessário também situar o seu processo de independência nos quadros de um combate anticolonial contra o inimigo comum português, em um cenário de guerra intraestatal que assumiria os contornos dos grupos envolvidos nos conflitos da guerra fria. (...) o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), em função de seu referencial marxista-leninista, e da idealização de um programa revolucionário para a Angola independente, aproximou-se do campo soviético e cubano, ainda que seus dirigentes tenham reiteradamente informado à opinião pública sua disposição de não-alinhamento²²; a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), por sua vez, carecia de um planejamento explícito para o que viria após o expurgo do colonialismo português, ao passo que a bandeira do anticomunismo, que o uniria aos Estados Unidos e, posteriormente, à África do Sul, funcionaria como uma ferramenta bastante eficaz para combater o MPLA. A União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) não teria uma atuação tão premente nessa fase da vida angolana quanto os outros dois grupos, em que podemos dizer que a coalizão com a África do Sul, em meados de 1975, tenha obliterado sua atuação como grupo individual, tornando-se a própria imagem do rompante sul-africano (SILVA Z, 2016, p. 157-158).

²² Movimento Popular pela Libertação de Angola.

²³ União Nacional para Independência Total de Angola.

²⁴ Frente Nacional de Libertação de Angola.

Com o fim da luta armada pela independência em Angola, Pepetela chegou a ocupar cargo político no governo MPLA, que logo abandonou para assumir a vida acadêmica e a de escritor (RODRIGUES, 2020, p. 76). Dessa forma:

A literatura acaba por acrescentar componentes culturais que nutrem a noção de comunidade, de unidade. Em Angola, por exemplo, ela tencionou, em algum momento, unir o povo em torno do ideal comum de soberania nacional. No entanto, antes disso, a literatura angolana apresentou diferentes facetas e cumpriu seu papel de constituinte identitário (PEREIRA, 2012, p. 48).

Já Aluísio Azevedo denuncia uma acumulação econômica do estrangeiro sobre o brasileiro, escancarando a brutalidade desta exploração, lançando sua insatisfação para a imagem do português. Surge, a partir disto, um sentimento rancoroso contra o estrangeiro que se torna constante no texto. Aluísio se concentra em apontar, não uma exploração de classe, mas sim uma xenofobia generalizada, incluindo no romance mais um elemento que o fundamenta: “a luta de raças”.

Partindo para análise de como essa tensão social funciona nos textos de Aluísio Azevedo, notemos um ponto que se deve observar a respeito desta “luta de raça”: o meio funciona como uma das circunstâncias fundamentais para definir o comportamento do português e do brasileiro. Daí, nota-se uma contradição comum aos intelectuais do século XIX, que era a procura por fundamentos que confirmassem um orgulho nacional. Mattos acrescenta:

Para se refletir sobre *O Cortiço* precisamos observar as transformações culturais que se passavam nas décadas em que se dá a transição do século XIX para o XX. Temos na compreensão ocidental de mundo uma revolução científica, podemos entender que a articulação entre saberes da esfera biológica e da sociologia representa marco fundamental da história cultural do século XIX, que foi perpetuando uma visão de mundo calcada no evolucionismo. Definitivamente, uma corrente de pensamento se fundava, fixando-se nas propostas científicas assinaladas pelos seus fundamentais teóricos, Darwin²⁵ e Hebert Spencer²⁶. Ambos são muito importantes em nossa reflexão, uma vez que C. Darwin desenvolveu a noção de evolução, em que os seres vivos evoluem de acordo com a seleção natural; e H. Spencer foi um dos principais pensadores a utilizar tais noções no estudo das sociedades humanas. Assim, tais pensamentos tornam-se normas científicas, influenciando quase toda produção intelectual do século XIX e XX, inclusive na esfera literária (MATTOS, 2014, p. 04).

A personagem João Romão é o exemplo do homem que vence o meio. Português ambicioso, aproveita todas as oportunidades que lhe apresentam para conseguir aumentar a sua renda. Na

²⁵ Charles Robert Darwin foi um pensador inglês o qual desenvolveu a Teoria da Evolução, revolucionou o meio científico ao explicar a evolução através do conceito da Seleção Natural. C. Darwin possui uma vasta produção, porém a obra que sintetiza sua principal teoria, e que o consagrou, foi *A Origem das espécies* (1859).

²⁶ Hebert Spencer, também inglês, foi um estudioso das ideias de Darwin, desenvolveu-as com vista à aplicação em todas as esferas da atividade humana. Foi ele o primeiro responsável por transferir os conceitos da Teoria da Evolução aos estudos sociais. Entre suas principais obras, destacam-se: *O indivíduo contra o Estado* (1884); *Educação intelectual, moral e física* (1863).

primeira oportunidade, engana a escrava Bertoleza a fim de ficar com o dinheiro de sua alforria. No episódio do incêndio que destrói o cortiço, por exemplo, aproveita a oportunidade para reformar e aumentar o local, reajustando o aluguel dos inquilinos. Ao final, ele é a personagem que alcança suas metas, através da exploração do trabalho humano. E ainda muda seu modo de vestir, comer e agir, incorporando a ideologia burguesa. Segundo Zimmerman:

João Romão concentra primeiramente seus esforços em acumular riqueza com os seus negócios rivalizando com o capital material de Miranda, morador em um sobrado vizinho ao cortiço. Posteriormente, João Romão almeja também um título aristocrático. Cabe ressaltar que, de início, a ascensão nos negócios de ambos está relacionada à fortuna ou a um penoso trabalho feminino. No fim da trama, a posse de capital material e simbólico de João Romão leva os dois personagens, antes rivais, a identificarem-se (ZIMMERMANN, 2011, p. 50).

Quando se fala em ascensão social, a disposição de Caposso, na contramão daquele momento histórico, se aquecia com o desejo de se tornar um grande burguês. Assim, Caposso ascendeu financeiramente e socialmente através da corrupção de seu partido político e com os lucros dessa corrupção, se tornou um grande burguês. Contudo, politicamente, os revolucionários guiavam-se pelo viés socialista e condenavam manifestações de tendência liberal. Dessa forma, mentiras, subornos e diversos crimes passaram a fazer parte da vida do protagonista, enquanto ia desenrolando os fios de sua personalidade capitalista, até se tornar, em menos de duas décadas, um dos homens mais ricos de Angola.

Pepetela aborda o clientelismo, ou seja, a relação vantajosa entre o indivíduo e o Estado, construindo uma troca mútua de interesses que se sobrepõem ao coletivo (MACHADO, 2021, p. 161). Caposso é uma personagem calculista e move-se apenas pela satisfação de cumprir os seus interesses, mas também para ele parece estar o mundo concertado: quer na política, quer nos negócios, Caposso termina por perder as suas riquezas, ficando apenas com dez por cento da CTC (Caposso Trade Company)²⁷, provando que o dinheiro proveniente da exploração irá continuar nas mãos dos predadores. (DA SILVA, 2010, p. 152). Isso significa que ele era um predador por ter enriquecido às custas da exploração social e agora, vieram outros predadores maiores que ele. Segundo Ribeiro:

As principais estratégias do protagonista para acumular capital foram aproximar-se de sujeitos com cargos políticos e compactuar de esquemas de corrupção. Vasculhar seu passado significa entender as origens de como conseguiu acumular capital, obter poder e ascender socialmente. Vladimiro Caposso foi a identidade que ele adotou, quando se instalou em Luanda. O seu verdadeiro nome era José Caposso e sua

²⁷ Nome da empresa de Caposso: CTC (Caposso Trade Company). (PEPETELA, 2005, p. 89)

construção identitária tem duas origens. Uma rural, José Caposso, e a outra urbana e falsa, Vladimiro Caposso. (RIBEIRO A, 2019, p. 113).

Aqui, pode-se notar que seu verdadeiro nome é José e não Vladimiro. Ele comete o crime de falsidade ideológica e se aproveita de uma revolução política para conseguir mudar de nome e o registro de sua vida, passando assim, a adotar uma nova identidade junto a diversos momentos em que Pepetela (como autor) faz críticas ao partido em que fez parte (até a década de 1980) em sua obra, o MPLA, mostrando mais uma vez que a literatura e a arte copiam a realidade em que vivemos. Mostrando corrupção, esquemas ilegais e ilícitos e falando sobre ética e moral e de personagens que se beneficiavam em meio a corrupção, como o próprio Caposso.

2.2 Representação Social

O conceito de representação social é amplamente conhecido na Sociologia e Filosofia através de estudos de Émile Durkheim (1998) e Pierre Bourdieu (1994 e 1996) e através de Moscovici (2007), foi ampliado para a psicologia social e psicanálise. Pierre Bourdieu (1996) presume que as representações sociais são motivadas por valores e ideias pessoais, doutrinas, princípios e ideologias que existem em toda a sociedade desde os tempos mais remotos, se fazendo presentes desde que o ser humano aprendeu a se comunicar. Consequentemente, tais representações sociais influenciam posições sociais segundo local ou estrutura que ocupamos na sociedade. Dessa forma, podemos inferir uma representação de acordo com nossa visão de mundo. Conforme Junqueira:

O conceito de representação nas ciências sociais foi usado por Durkheim ao diferenciar representações individuais e coletivas. Esta distinção teórica fazia parte do esforço para construir um objeto específico da sociologia, separando-a da psicologia e da biologia. No desenvolvimento da sociologia clássica, o conceito não teve um lugar central, mas condicionado às determinações epistemológicas e teóricas do estudo da ação social em Weber, ou da sociedade de classes em Marx. Ainda que o conceito de significado ou sentido da ação inclua reflexões sobre as representações dos sujeitos, e o conceito de ideologia, em seus sentidos positivo e negativo, repouse na existência de sistemas simbólicos de referência, é somente no período contemporâneo que as ciências sociais colocam esta noção no núcleo da discussão sobre o objeto sociológico (JUNQUEIRA, 2005, p. 145).

Serge Moscovici possui uma obra considerável e é estudado por diversos outros teóricos acerca de Representação Social, bem como influencia diversos estudos nas áreas de Literatura, História, Filosofia, Sociologia e Psicologia. Partindo disto, ele estudou a relação entre grupos e seu impacto social. Como vários outros conceitos que surgem em um campo e adquirem teorização em outro, embora tenham origem na sociologia de Durkheim, a representação social

adquire sua teorização, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet, justamente na psicologia social. Essa teoria passa a servir de ferramenta para outros campos, como saúde, educação, didática, meio ambiente, e faz escola inclusive por apresentar propostas teóricas diversas.

Essas formas de classificação práticas produzem efeitos sociais, revelando a conexão entre representações e realidade, podendo “contribuir para produzir o que aparentemente elas descrevem ou designam” (Bourdieu, 1996, p. 107). As representações produzem mudanças na realidade objetiva, que, por sua vez incide sobre as representações, o que torna necessário “incluir no real a representação do real” (Bourdieu, 1994, p. 108).

Isso ocorre devido ao desenvolvimento dos métodos e das tecnologias de comunicação, que se modificaram consideravelmente com o advento da Modernidade. Diferente do que acontecia nas sociedades tradicionais, em que as representações coletivas eram fatos sociais coercitivos e partilhados por praticamente todos os integrantes de uma civilização, na era moderna houve uma descentralização dos detentores de poder, agentes sociais responsáveis pela legitimação e produção do conhecimento social.

A definição mais consensual entre os pesquisadores do campo é a de Denise Jodelet (2002, p. 22): "As representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social".

Tal estudo apoia-se no conteúdo dessas representações e se dá baseado no suporte desses conteúdos: a linguagem, contida em documentos, práticas, falas, imagens e outros. O estudo dos conteúdos implica assim abarcar o campo da representação social, ou seja, a totalidade de expressões, imagens, ideias e valores presentes no discurso sobre o objeto, segundo Jodelet (2002). A noção de campo da representação implica entendê-la como um campo estruturado de significações, saberes e informações.

A representação não é uma cópia do real. No que se refere à ganância, é importante lembrar termos como: “sovina”, “mão de vaca”, “egoísta”, “corrupto”, “miserável”, “mesquinho” etc. São muitos os termos para descrever personagens tão apegados aos bens materiais, como visto na introdução deste trabalho, os termos mencionados serão melhor compreendidos aqui. A ganância existe há muito tempo e está documentada desde os documentos mais antigos registrados, como por exemplo, o Mito do Rei Midas, no livro *Metamorfoses*, da Antiguidade Clássica. De acordo com Maraschin (2014, p. 1), o mito tornou-

se “conhecido na literatura ocidental através do poeta lírico” Ovídio²⁸, que viveu na Roma Augústea entre 43 a.C. e 17-8 d.C. na primeira parte da fábula, o rei “Midas tem o esplendor do ouro seguido da miséria que o seu desejo insano provoca” (MARASCHIN, 2014, p. 5).

Ao pensar no título deste trabalho, bem como o termo que melhor pode definir a representação das personagens estudadas, foram avaliados cinco (05) termos que são sinônimos, mas que muito parecidos seus significados entre inúmeros outros. Quando falamos em *ganância*, pensamos em “cobiça”, “soberba”, “ambição” e “avareza”, que daqui por diante serão usados com frequência e como sinônimos. E, portanto, é necessário ressaltar o significado de cada uma para fins de diferenciar os termos enquanto suas representações dentro da perspectiva da escolha de “ganância” como o termo que melhor reflete a característica principal das personagens e do título deste trabalho, como podemos verificar abaixo:

A “soberba²⁹” no dicionário online de Língua Portuguesa, demonstra dois significados: 1. Sentimento de superioridade em relação a outra pessoa; orgulho, altivez, arrogância, presunção; 2. Comportamento da pessoa arrogante, presunçosa; prepotência.

A “ganância³⁰” possui três significados. 1. Ambição, cobiça ou desejo intenso, imoderado por bens e riquezas.; 2. Busca incessante pelo lucro; agiotagem, usura. 3. Vontade intensa e permanente de possuir ou de ganhar mais do que os demais.

A “cobiça³¹” possui dois significados: 1. Desejo desmedido pelo poder, dinheiro, bens materiais, glórias etc.; ambição. 2. Vontade intensa de conseguir algo; obstinação.

A “ambição³²” possui dois significados: 1. Desejo desmedido pelo poder, dinheiro, bens materiais, glórias etc.; 2. Obstinação intensa para conseguir determinado propósito; vontade de alcançar sucesso; pretensão.

A “avareza³³” possui dois significados: 1. Particularidade ou característica da pessoa avarenta; apego extremo ao dinheiro; cuja preocupação maior é juntar dinheiro.; 2. Que não demonstra generosidade; mesquinhez.

A partir desse contexto ao significado dos termos ao tema proposto, sigamos utilizando esses termos, mas com o terceiro significado de “ganância” como sendo o principal retratado na análise das personagens, pois mesmo sendo sinônimos, todos os outros significados possuem em comum coisas como juntar dinheiro e/ou obstinação em conseguir algo. Porém, o termo

²⁸ Publius Ovidius Naso é o nome do conhecido poeta Ovídio, na tradução ocidental.

²⁹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/soberba/>. Acesso em 15/07/2022.

³⁰ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ganancia/>. Acesso em 15/07/2022.

³¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cobica/>. Acesso em 15/07/2022.

³² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ambicao/>. Acesso em 15/07/2022.

³³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/avareza/>. Acesso em 15/07/2022.

ganância engloba mais os sentimentos das personagens supracitadas, além do que os outros termos já demonstram. Dessa forma, é possível compreender a importância desses personagens para o desenrolar de suas respectivas narrativas, seus objetivos e experiências de vida, tentando assim, buscar a compreensão de que apesar de obras fictícias, são obras de dois países que compartilham uma história e cultura em comum. Griswold mostra que:

Ganância ou avareza é um desejo desenfreado que exclui outros valores. Podemos considerá-la como individual ou como relacional, seja como um vício pessoal ou como vil apenas em relação a outras pessoas. Enquanto atributo individual, a ganância, um dos sete pecados capitais, é uma deformação da alma (GRISWOLD, 2018, p. 88).

A colonização portuguesa no Brasil se efetivou a partir da exploração, povoamento, extermínio e conquista dos povos indígenas (povoadores) e das novas terras. Ou seja, motivados pela ambição e ganância dos países que desejavam mais riquezas em minérios naturais, plantas medicinais, sementes, mais território, especiarias, entre outros. Em relação a Angola, as riquezas no território africano eram imensas, contudo, foi a exploração do tráfico negreiro, a atividade que mais rendeu lucros à Coroa Portuguesa.³⁴

Aqui vemos um paralelo entre o que mais foi explorado do Brasil e de Angola por Portugal, lembrando que segundo as referências nas notas de rodapé, havia outros povos tentando explorar as américas e colonizar países africanos, sendo necessário realizar um acordo chamado de Tratado de Tordesilhas (1494) até os reinos de Portugal e Espanha serem unificados. Portanto, neste trabalho por questões de polir este estudo, trabalharemos apenas a questão da colonização por Portugal, já que a Espanha não colonizou a Angola, e sim, outra parte que Portugal cedeu a Espanha, além de parte das Américas. Quando falamos em representação social, podemos denotar a organização das ideias do texto literário, na qual Silva E. (2013) exemplifica como exemplo dessa representação na literatura:

Os indivíduos organizam as representações por histórias, imagens e linguagens, também através de atos e situações do cotidiano. Ao vivenciar ou ao ter conhecimento desses fatos da realidade e da natureza, procuram meios para reproduzi-los. Isto quer dizer que são imagens constituídas do real, se manifestam pela linguagem e têm a sua forma de mediação a interação. Dessa forma, a realidade instituída no texto literário é vivida e também representada através de atores sociais que executam, constituem sua vida e se explicam mediante seu conhecimento. Então, no cerne de uma obra literária,

³⁴ Mas devemos lembrar que a Espanha também investiu em grandes navegações e no caso do Brasil, também foi uma nação que disputou pelo território brasileiro, assim havendo um contrato conhecido por Tratado De Tordesilhas. Fonte: TANZI, Héctor José. O Tratado de Tordesilhas e sua projeção. **Revista de História**, v. 54, n. 108, p. 533-541, 1976. / Em relação aos países africanos, a Espanha a Espanha ocupou as Ilhas Canárias (cedidas por Portugal em 1479) o Saara Ocidental, o norte de Marrocos e a atual Guiné Equatorial. Fonte: SCHULTZ, Kara D. Os colonos africanos do Caribe espanhol. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 44, n. 3, p. 525-527, 2018.

no âmbito da linguagem, verifica-se uma sucessão de elementos como: o enredo, o foco narrativo, as personagens e suas relações (SILVA E., 2013, p. 13).

Assim, vale ressaltar que durante o processo colonial dos povos africanos e brasileiros, os dominantes escravizavam os dominados e os levavam para servir em outros países e tinham muitas vezes o que chamamos de “apagamento³⁵” de sua cultura e identidade, pois aprendiam um novo idioma, eram obrigados a adquirir outra religião e esses fatores contribuíram para o sucesso dos europeus em capturar as pessoas que serviriam como mercadoria e propriedade privada nas demais colônias. A mão de obra escrava era destinada aos engenhos de açúcar e café. Dessa forma, é possível compreender o pensamento de Moscovici ao dizer que a representação social acaba por corresponder “a certo modelo recorrente e compreensivo de imagens, crenças e comportamentos simbólicos (MOSCOVICI, 2007, p. 207), assim, temos a correspondência histórica nas narrativas literárias das obras estudadas. Angola era a mais rica das províncias *ultramarinas*³⁶ portuguesas e onde foram encontrados diamantes, petróleo, gás, ferro, cobre e mesmo urânio, bem como muitos angolanos foram usados como escravos, inclusive sendo enviados para trabalhar no Brasil.

Se pudermos voltar até o período de colonização desses países por Portugal (Império Colonial Português) em que atualmente, no Brasil há descendentes de muitos angolanos trazidos para servirem de mão de obra escrava no Brasil, que foi uma instituição violenta e desumana e responsável por muito sofrimento e mortes tanto de africanos, quanto nativos brasileiros indígenas. Moscovici (2007, p. 208) diz que “as representações sociais em movimento se assemelham mais estreitamente ao dinheiro que à linguagem”.

Como podemos perceber através da fala do autor, a ganância está presente em todos os momentos históricos de Angola e de Brasil, sendo, por exemplo, o tráfico negreiro que foi um dos pilares da exploração de riquezas em ambos os países colonizados. Até a independência política, vemos muitas questões sociais em ambas as obras, como essa exploração social, mas não tão aparente escravista, apesar de Brasil e Angola serem países que estão ligados por este mercado escravocrata por cerca de 300 (trezentos) anos.

E por isso é tão importante a fala de Moscovici e a teoria das representações sociais, visto que: a representação social “é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um

³⁵ GOIS, Pamela Cristina. Pedagogia da decolonialidade: Um debate acerca do epistemicídio e uma educação antirracista como antídoto. **Revista Estudos Libertários**, v. 3, n. 8, p. 101-120.

³⁶ O mesmo que colonial. Fonte: Silva, Janice Theodoro. *Descobrimientos e Colonização*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema. (MOSCOVICI, 2007, p. 213)”. Silva E. (2013) explicita que de acordo com o contexto social, essas experiências, de certa forma, contribuem para uma representação da sociedade com a obra literária:

Nesse contexto, quando o leitor se depara com uma ou mais obras, pode gerar sucessivas leituras e produzir uma sequência de ideias em torno de um assunto, a concepção de determinado fator vai depender de sua visão crítica. Desse modo, a leitura crítica é sempre um resgate do registro literário, dos usos da linguagem e dos elementos narrativos (SILVA E., 2013, p. 13-14).

Assim, é possível compreender o pensamento de Silva E. (2013) e acrescentando ao pensamento com o De Carvalho, que o Brasil e a Angola receberam ao “transportar pessoas, esse comércio colocava em circulação suas crenças, valores, hábitos, formas de ser, de pensar e agir (2016, p. 1)”. Por conseguinte, o “Brasil de hoje é fruto dos confrontos e das trocas provocadas por este contato” (DE CARVALHO, 2016, p. 1). Portanto, podemos também aplicar este pensamento a Angola, pois, segundo Boris Fausto³⁷, a preferência de escravos para o Brasil era de Angola, Guiné e Costa do Marfim, e após ter passado por momentos de confrontos políticos seguintes a colonização. Segundo Junqueira:

Com efeito, nas últimas décadas, a noção de representação social toma novo fôlego a partir da necessidade de explicar a crescente importância da dimensão cultural nos fenômenos sociais de toda ordem. A cultura, a economia e a política são as principais dimensões consideradas para avaliar a realidade social (JUNQUEIRA, 2005, p. 145).

Nesse sentido, a literatura se apropria de fragmentos sociais para descrever pessoas fictícias com valores reais, de acordo com as experiências do autor ou que ele possa passar, transformando os personagens em representações³⁸ das estruturas vigentes, de modo a questionar os papéis preestabelecidos pela sociedade, tidos como instrumento regulamentador do sistema. O condicionamento entre as produções literárias e a vida social, está basicamente relacionado com as ideias veiculadas na produção da obra. Por isso, pode-se identificar uma influência, uma aproximação entre os romances analisados, pertencentes aos referidos países. Para Griswold:

No contexto da ciência social contemporânea, há duas posições sobre a ganância comumente associadas a Thomas Hobbes, por um lado, e a Jean Jacques Rousseau, por outro. O objetivo é a ordem social e a questão é se a ganância consolida a ordem social ou a debilita. Hobbes via os homens como naturalmente gananciosos,

³⁷ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013. p. 47.

³⁸ Representação: Ato ou efeito de representar. Exposição, exibição. Ideia que concebemos do mundo ou de uma coisa, Etc. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/representacao/>>. Acesso em: 3 de Set. de 2022.

materialistas, prontos para matar outros na busca de seus propósitos, sendo necessário um poder soberano forte para regular esse aspecto da natureza humana e impedir uma guerra de todos contra todos. Já Rousseau considerava as pessoas pacíficas por natureza e somente quando se reuniam em sociedade, a inveja e a competição surgiam; a ganância não era inata, mas um subproduto social e poderia ser controlada se as pessoas participassem mutuamente de um contrato social (GRISWOLD, 2018, p. 90).

Além desses aspectos sociológicos, há características psicológicas e todas as influências que as personagens passaram durante suas vidas para que tenham adquirido esse desejo de possuir mais do que os outros, que de certa forma deixa de ser um sentimento para se tornar uma prática que leva o ser humano a se iludir com o desejo de possuir prestígio, poder e riquezas e de como isto vem sendo representado na literatura em todo o mundo. Governos e pessoas que ruíram devido sua cobiça. De acordo com Junqueira:

Na psicologia, Lacan lançou luz sobre a importância da linguagem na construção da identidade individual e a psicologia social se dedicou mais fortemente ao desenvolvimento desta noção, gerando a teoria das representações sociais de Serge Moscovici, cujo objetivo é estudar a dimensão social e individual das representações sociais, com um edifício teórico e metodológico transdisciplinar, efetivo, que tem dado lugar a inúmeros trabalhos importantes na área. Na comunicação, autores como Lucien Sfez retomam o veio filosófico de Platão e afirmam que não é mais possível separar representações e realidade (JUNQUEIRA, 2005, p. 147).

Em se tratando de composição das obras estudadas, pode-se perceber aspectos psicológicos em João Romão e em Vladimiro Caposso de nunca estarem satisfeitos com o que possuem. Vemos desde o início como são retratados, em que nunca estão satisfeitos com o que conseguem, passando por cima de tudo e de todos. Será que, segundo as próprias narrativas e histórias, que a ganância de Romão e de Caposso é um comportamento fruto da colonização? Será que eles viram tanta ganância no comportamento de seus semelhantes e governos que reproduziram essa cobiça?

O cortiço constrói uma narrativa sobre a formação de cortiços, ambições pessoais, amplas contradições relacionadas ao acesso à riqueza, a exploração de trabalhadores e busca por status social, demonstrando a realidade econômica, social e cultural da época e destacando as relações de exploração do trabalho humano, situação característica do sistema capitalista. Segundo Zimmermann, em *O cortiço*:

O eixo central do romance está na disputa por riqueza e ascensão social entre dois comerciantes portugueses erradicados no Brasil (João Romão e Miranda). Estes personagens fazem parte de uma sociedade que associava a riqueza à construção de símbolos de distinção social (ZIMMERMANN, 2011, p. 49).

A ganância em *O cortiço* se revela responsável pela transformação da personagem João Romão, o que é possível perceber na análise de seu processo de ascensão, comparado à aparente

estabilidade social e financeira de Miranda (vizinho invejoso de Romão). Nessa medida, a obra também sugere que, do conflito e de todo o jogo que as paixões presentes no enredo se permitem (concomitantes com a inveja), há a construção permanente de um ambiente de indiferença como característica estrutural do romance.

No que tange a *Predadores*, o narrador faz saltos no tempo conforme a necessidade de contar, a narrativa psicológica que tem como fio condutor a ascensão social e econômica de Vladimiro Caposso, um homem de origem humilde, que, por intermédio de esquemas partidários e se tornando uma ferramenta de corrupção do Estado em benefício próprio, se torna um poderoso empresário. Nesse sentido, a literatura se apropria de fragmentos sociais para descrever pessoas fictícias com valores reais, de acordo com as experiências do autor, transformando os personagens em representações das estruturas vigentes, de modo a questionar os papéis preestabelecidos pela sociedade, tidos como instrumento regulamentador do sistema colonial.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

3.1 Base Metodológica

Esta pesquisa se justifica em contextualizar a ganância de João Romão e de Vladimiro Caposso, segundo o modo de vida que cada personagem buscou para si, não apenas na comparação do texto em si, mas no cenário e principalmente na linguagem dos narradores. A metodologia foi guiada pela literatura comparada por Carvalhal (2006) e a teoria das representações sociais por Serge Moscovici (2007).

Silva E. diz que a leitura de um romance oferece uma série de acontecimentos, “o leitor observa a organização do texto através do encadeamento do enredo, percebe a configuração de personagens, as condições do ambiente, os conflitos e a interação social de uma determinada coletividade” (SILVA E, 2013, p. 12) e acrescenta:

Isso quer dizer que quando o escritor expressa, elabora um romance, busca na representação social do mundo em que viveu uma modalidade particular do conhecimento, daí insere comportamentos, valores culturais, linguagem que serão expressos pelas personagens. Então, as atividades psicológicas refletem a realidade, seja física, política e econômico-social, logo a forma como os indivíduos são integrados aos grupos sociais ou ao seu cotidiano, situações relativas aos intercâmbios, fazendo com que se libere a imaginação. Portanto, o enredo, as relações entre as personagens, a linguagem, os fatores externos e internos do texto se tornam um *corpus* organizado do conhecimento histórico e cultural que o escritor articula com o leitor através da fantasia (SILVA E, 2013, p. 16).

As representações estão presentes tanto no mundo, na realidade da vida cotidiana, quanto na mente dos sujeitos. Assim, elas devem ser investigadas em todos os contextos possíveis. Justamente por ser plurimetodológica³⁹, a teoria das Representações Sociais permite a abordagem das representações em distintos âmbitos da realidade. Partindo da teoria das Representações Sociais e a Literatura Comparada como base para o estudo, é comparar os aspectos de “ganância” segundo o contexto histórico-políticos e sociais manifestados nos romances *O Cortiço* e *Predadores*, analisando a contribuição de Aluísio Azevedo e de Pepetela.

Dessa forma, entre nossos objetivos específicos estão: Estabelecer uma análise da ganância em *O cortiço* e em *Predadores* sob aspectos sociais; Compreender a ambição dos personagens segundo o modelo histórico-político e social através das épocas de cada obra e como sofrem influências socioculturais que as levam a querer agir de acordo com esses

³⁹ Diz respeito a muitas metodologias.

propósitos gananciosos; Relacionar a ganância na perspectiva as narrativas *O cortiço* e *Predadores*, enquanto no âmbito atual da sociedade e na época em que as narrativas se passam.

3.2 Análise do Conteúdo

O método de análise é comparativista (Carvalho - 2017), interdisciplinar e cultural, pautando-se no âmbito dialógico interrelacional entre Literatura e História, e Literatura Comparada e Teoria Literária, estudando os romances *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, e *Predadores*, de Pepetela, enquanto objeto literário e obras históricas que contextualizam suas questões histórico-socioculturais e políticos tal qual se observa na Teoria da Representação Social por Moscovici (2007).

A comparação entre as obras acontecerá de modo a perceber semelhanças ou disparidades entre João Romão e Vladimiro Caposso e suas ações, e como o tema é tratado em ambas as histórias, já que as duas tratam da ganância em sua própria maneira. Ao final da produção, é esperado que o trabalho compreenda a representação da “ganância” segundo as relações de poder colonial e pós-colonial Portugal-Brasil e Portugal-Angola e suas implicações e representações sobre como as sociedades das narrativas externalizam os aspectos de ambição e ganância.

O presente estudo baseia-se na noção de que a realidade é construída socialmente através do pensamento e das ações dos sujeitos. São as pessoas, em coletividade, que produzem o mundo da vida cotidiana, embora ele seja experienciado como algo diferente de um produto humano, algo exterior aos indivíduos.

Portanto, através de obras como as estudadas, podemos perceber que a literatura pode ser considerada um reflexo do contexto histórico, pois apresenta um conjunto de fatores sociais⁴⁰ e exerce influência neste meio, no qual se encontra inserida. Por isso, em nosso referencial teórico, foi necessária a abordagem de acordo com a teoria literária, no qual este trabalho está pautado com análise comparativa, bem como questões de representação social.

⁴⁰ Além do passado colonial, estes países hoje compartilham a língua portuguesa como idioma oficial e fazem parte de organizações como *Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (PALOP) e a *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP).

4. A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA GANÂNCIA NAS NARRATIVAS

O dinheiro é o objeto que orienta e conduz as ações de João Romão e de Vladimiro Caposso, em *O cortiço* e *Predadores*, respectivamente. É possível entender e deduzir que os romances tratam das possibilidades de ascensão financeira em um ambiente adverso do capitalismo. Nos textos há, por parte dos narradores, características similares, começaremos abordando alguns termos que aparecem nas obras sobre a ganância dos personagens citados. Romão e Caposso nasceram em famílias simples e foram crescendo financeiramente às custas da opressão das pessoas ao seu redor.

Dessa forma, na análise das personagens, veremos algumas concepções retratadas por Ferreira (2014). Veremos, em ambas as obras, o retrato da colonização (mesmo que no caso da obra brasileira, o país já não fizesse parte de Portugal como colônia, mas a obra faz críticas a portugueses que vieram para o Brasil em busca de prosperidade) e do que causou para os países, graças a ganância dos portugueses em explorar as riquezas. Em *Predadores*, na Angola, temos uma população que luta contra a colonização e conseguir a independência de seu país - ao mesmo tempo em que ao conseguirem, há novas lutas para controle local de governar. Em *O cortiço*, há uma hierarquização sobre a divisão do trabalho e relações de poder, enquanto acontece ainda o período de escravidão tão grande que a imagem do trabalhador escravo em nosso país associou-se com a cor de pele do africano, sendo um sintoma evidente do *racismo*⁴¹ que perdura até hoje em nosso país.

No que diz respeito a Romão, é importante demonstrar que suas características físicas demonstram inicialmente sua ausência de vaidade: “E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias” (AZEVEDO, 1997, p. 10). Assim, inicialmente, ele não se preocupava com sua aparência. Sobre a descrição física de Caposso, sabemos que narrativa acontece por diversas décadas, mas há um momento que vemos que ele era:

[...] razoavelmente alto e bastante forte, com uma barriga se avolumando paralelamente aos muito proveitosos negócios. Como possuía voz grossa e aprendera a servir-se dela quando andava na política, intimidava facilmente os seus adversários.

⁴¹ Preconceito e discriminação direcionados a alguém tendo em conta sua origem étnico-racial, geralmente se refere à ideologia de que existe uma raça melhor que outra. Sistema que defende a existência de uma raça considerada superior e que, em razão disso, deve dominar outras, falando especialmente das pessoas fenotipicamente brancas em relação a outras fenotipicamente não-brancas. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/racismo/> . Acesso em: 21 de Out. 2022.

Sobretudo porque os olhos grandes sabiam lançar ameaças mais fortes que as palavras. (PEPETELA, 2005, p. 29).

Pode-se notar que Caposso também não tinha vaidade física (preocupação com a aparência pessoal), mas possuía qualidades que o ajudaram na política, pois era intimidador. O que se observa é Vladimiro Caposso se torna um importante empresário angolano que, em variadas ocasiões, age como um inimigo da pátria, utilizando-se da posição privilegiada para agir inescrupulosa e impunemente.

Se tratando de personagens femininas, temos quatro, em especiais, na vida de João Romão em *O cortiço*, existe a Bertoleza, que é uma escrava fugida que se “amiga⁴²” a ele, e temos a Zulmira (filha de Miranda) que se torna sua noiva. Já em *Predadores*, temos a Bebiana, que se torna esposa de Caposso, mãe de seus filhos, e Madalena (uma de suas amantes), a qual foi assassinada friamente. E poderíamos perguntar: Mas o que tem a ver as personagens femininas com a ganância de nossas personagens? Qual a importância delas nas tramas e na ganância e ambição de Romão e Caposso?

Bem podemos refletir a situação começando por *O cortiço*, destacando que Bertoleza era o que Romão tinha de mais próximo a uma família. Era uma escrava fugida “De um tal Freitas de Melo” (AZEVEDO, 1997, p, 190). Torna-se sua companheira e sócia nos negócios e também, “ela era a sua cúmplice” (AZEVEDO, 1997, p. 183). Ela tinha o desejo de se casar com João Romão, mas que o narrador sempre a cita como “amiga” de Romão ou de forma desdenhosa. Vendo por este lado, Bertoleza possui grande importância na ascensão de Romão, “o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante” (AZEVEDO, 1997, p. 3). Romão não bate em Bertoleza, mas se afasta dela:

E Bertoleza bem que compreendia tudo isso e bem que estranhava a transformação do amigo. Ele ultimamente mal se chegava para ela e, quando o fazia, era com tal repugnância, que antes não o fizesse. A desgraçada muita vez sentia-lhe cheiro de outras mulheres, perfumes de cocotes estrangeiras e chorava em segredo, sem ânimo de reclamar os seus direitos. Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativeiro. Escondia-se de todos, mesmo da gentilha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara (AZEVEDO, 1997, p. 166-167).

Acima, podemos perceber a forma como Bertoleza se sentia rejeitada por Romão. Para demonstrar que a ambição e a cobiça estão ligadas nas atuações de Romão e em nome do lucro

⁴² Vivem como marido e mulher, mas não se casam oficialmente.

e dos interesses próprios, simplesmente ignora tudo o que Bertoleza fez por ele, incluindo práticas ilícitas, como roubos. João Romão atropela sua inveja e raiva de Miranda em prol do casamento com a filha dele e vemos a descrição de sua noiva e seu desprezo por Bertoleza:

[...] ela era a sua cúmplice e era todo seu mal— devia, pois, extinguir-se! Devia ceder o lugar à pálida mocinha de mãos delicadas e cabelos perfumados, que era o bem, porque era o que ria e alegrava, porque era a vida nova, o romance solfejado ao piano, as flores nas jarras, as sedas e as rendas, o chá servido em porcelanas caras; era enfim a doce existência dos ricos, dos felizes e dos fortes, dos que herdaram sem trabalho ou dos que, a puro esforço, conseguiram acumular dinheiro, rompendo e subindo por entre o rebanho dos escrupulosos ou dos fracos. E o vendeiro tinha defronte dos olhos o namorado sorriso da filha do Miranda, sentia ainda a leve pressão do braço melindroso que se apoiara ao seu, algumas horas antes, em passeio pela praia de Botafogo; respirava ainda os perfumes da menina, suaves, escolhidos e penetrantes como palavras de amor; nos seus dedos grossos, curtos, ásperos e vermelhos, conservava a impressão da tépida carícia daquela mãozinha enluvada que, dentro em pouco, nos prazeres garantidos do matrimônio, afagar-lhe-ia as carnes e os cabelos (AZEVEDO, 1997, p. 183).

E assim, Romão nunca pensou na possibilidade de casamento com Bertoleza, mas usá-la enquanto pudesse. Dessa forma, em diversos momentos, ele planeja se desfazer dela, até mesmo pensando em matá-la:

— Ah! agora não me enxergo! agora eu não presto para nada! Porém, quando você precisou de mim não lhe ficava mal servir-se de meu corpo e agüentar a sua casa com o meu trabalho! Então a negra servia pra um tudo; agora não presta pra mais nada, e atira-se com ela no monturo do cisco! Não! assim também Deus não manda! Pois se aos cães velhos não se enxotam, por que me hão de pôr fora desta casa, em que meti muito suor do meu rosto?... Quer casar, espere então que eu feche primeiro os olhos; não seja ingrato! João Romão perdeu por fim a paciência e retirou-se da sala, atirando à amante uma palavrada porca (AZEVEDO, 1997, p. 190).

A partir do trecho, se percebe que a ganância de Romão está intimamente ligada à sua relação com Bertoleza, pois além de roubar, mentir, usá-la, ainda desdenha dela. Quando ela era útil em todas as ações, principalmente no relacionamento amoroso, Romão a mantinha perto. O tempo vai passando e ganância pela ascensão social faz com que Romão despreze a mulher a ponto de descartá-la, daí ela não lhe serve mais, chegando, inclusive, pensar em formas de dar “um sumiço” nela. É neste ponto que temos o noivado de Romão com Zulmira, que é filha de Miranda (rico comerciante), o qual Romão possui rivalidade nos negócios, mas que é acalmado com o noivado. Assim, para se casar com Zulmira, havia um impedimento (Bertoleza), só que, em nome da ganância, Botelho, capanga de Miranda, ajuda Romão a tentar sumir com Bertoleza, pois ambos ganhariam com o casamento de Romão e Zulmira, assim, Romão poderia ser herdeiro de Miranda:

Agora, não se passava um domingo sem que o amigo de Bertoleza fosse jantar à casa do Miranda. Iam juntos ao teatro. João Romão dava o braço à Zulmira, e, procurando

galanteá-la e mais ao resto da família, desfazia-se em obséquios brutais e dispendiosos, com uma franqueza exagerada que não olhava gastos. Se tinham de tomar alguma coisa, ele fazia vir logo três, quatro garrafas ao mesmo tempo, pedindo sempre o triplo do necessário e acumulando compras inúteis de doces, flores e tudo o que aparecia. Nos leilões das festas de arraial era tão feroz a sua febre de obsequiar a gente do Miranda, que nunca voltava para casa sem um homem atrás, carregado com os mimos que o vendeiro arrematava (AZEVEDO, 1997, p. 166).

E tendo uma noiva, onde ficaria Bertoleza? Na citação acima, pode-se perceber que Romão já não economizava quando se tratava de seu noivado com Zulmira e fazia questão de sair juntos e fazer compras fúteis. Assim, Romão em suas atitudes desonestas, faria algo para se livrar de Bertoleza e isso inclui também a exploração da amante (amiga), uma escrava que acredita ser liberta, a partir de uma carta de alforria falsa, que possibilitou ser devolvida ao seu antigo “dono” e permitindo que ela se suicide de forma dramática:

Ora, que raio de dificuldade armara ele próprio para se coser!... Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso? E sentia-se revoltado e impotente defronte daquele tranqüilo obstáculo que lá estava embaixo, a dormir, fazendo-lhe em silêncio um mal horrível, perturbando-lhe estupidamente o curso da sua felicidade, retardando-lhe, talvez sem consciência, a chegada desse belo futuro conquistado à força de tamanhas privações e sacrifícios! Que ferro! Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileira fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desinsofrida avidez da sua vaidade. Em primeiro lugar fazia-se membro de uma família tradicionalmente orgulhosa, como era dito por todos, a de Dona Estela; em segundo lugar aumentava consideravelmente os seus bens com o dote da noiva, que era rica e, em terceiro, afinal, caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía, realizando-se deste modo um velho sonho que o vendeiro afagava desde o nascimento da sua rivalidade com o vizinho (AZEVEDO, 1997, p. 182).

Acima, vemos um dos diversos momentos em que Romão pensa em como se livrar de Bertoleza, que sempre foi fiel e o ajudou até mesmo em roubos, mas perdia valor para seus planos de ascensão política e social. Pensou em matá-la, chegou a sonhar com este momento, mas mesmo com olhares homicidas (AZEVEDO, 1997, p. 183-184) em vê-la dormindo e tendo oportunidades de matá-la, no entanto não queria ser um assassino, não sujaria suas mãos ou será que não saberia fazê-lo sem deixar rastros. Observe:

[...] como poderia despachá-la, sem deixar sinais comprometedores do crime?... Envenenando-a?... Dariam logo pela coisa!... Matá-la a tiro?... Pior! Levá-la a um passeio fora da cidade, bem longe e, no — É preciso despachá-la! É preciso despachá-la quanto antes, seja lá como for (...). O que não dirão os invejosos lá da praça?... "Ah, ah! Ele tinha em casa uma amiga, uma preta imunda com quem vivia! Que tipo! Sempre há de mostrar que é gentinha de laia muito baixa!... E aqui a engazopar-nos com uns ares de capitalista que se trata à vela de libra! Olha o carapicu pra que havia de dar. Sai sujo!" E, então, a família da menina, com medo de cair também na boca do mundo, volta atrás e dá o dito por não dito! Bem sei que ela está a par de tudo; isso, olé, se está! mas finge-se desentendida, porque conta, e com razão, que eu não serei tão parvo que espere o dia do casamento sem ter dado sumiço à negra! contam que a coisa correrá sem o menor escândalo! E eu, no entanto, tão besta que nada fiz! E a

peste da crioula está aí senhora do terreiro como dantes, e não descubro meio de verme livre dela! (AZEVEDO, 1997, p. 185)

Aqui podemos perceber o quanto Romão desdenha de Bertoleza e não reconhece tudo o que ela fez por ele. Ela foi usada, explorada e agora ele busca uma forma de descartá-la. Em *Predadores*, Caposso casa-se com Bebiana e a trai diversas vezes e em determinado episódio, o narrador demonstra que ela sofria violência doméstica: “Apanhava e calava”. (PEPETELA, 2005, p. 231). A narrativa revela que Caposso não era apenas um assassino frio e calculista, mas um homem violento, que sempre machucava a esposa:

Ela ameaçava no choro ir para casa da mãe. Ele respondia, tens a porta aberta, mas os filhos ficam comigo. E ela cedia. Tinha vergonha de contar aos pais que por vezes levava uma surra. Os velhos também não poderiam fazer grande coisa, se quisessem preservar o casamento da filha, coisa sagrada. De facto havia a Organização da Mulher Angolana, a qual tinha um gabinete para defender as mulheres maltratadas pela família e nesse tempo intervinha muitas vezes com êxito, ameaçando o prevaricador com processos terríveis. Se por acaso os pais metessem a OMA no barulho, Caposso deixava de lhe bater, é claro, mas abandonava Bebiana, pura e simplesmente, assim pensava ela. Por isso calava. Mulher com quatro filhos, todos com menos de dez anos de idade, obrigada a ir viver para casa dos pais, ficava encalhada na vida, difícil encontrar novo marido (PEPETELA, 2005, p. 231).

Bebiana sabia das traições e evitava sempre brigar com o marido, ela acreditava que por ele não deixar faltar nada em casa, vivia esse casamento de aparência. Ela acreditava que mesmo o marido sendo dessa forma, ele não era o pior homem do mundo, pois “era um bom pai” e por ele ser preocupado com a vida futura dos filhos, ela se resignava. Mas ela não sabia o motivo de preocupação com o futuro dos filhos, pois era puro interesse. Podemos perceber, Bebiana e Bertoleza possuem algumas características em comum, para Bebiana não era importante se casar com Caposso e amigaram-se até o casamento “Naquele momento não era muito importante casar com papel passado, ainda menos matrimónio religioso, a união de facto era comum e aceitável (PEPETELA, 2005, p. 68-69)”. E quando Bebiana engravidou, Caposso pensou que “era um peso, contrariava os seus planos imediatos” (p. 68-69). Caposso se cansou de Bebiana assim como Bertoleza se tornou um peso para Romão. Assim, podemos notar que as mulheres Bebiana e Bertoleza eram apenas mulheres que Caposso e Romão usavam. Por pensarem sempre em dinheiro, eles não viam suas companheiras como as mulheres que são, e sim, uma forma de poder manipular e usar como bem queriam. Romão enganou Bertoleza para roubar seu dinheiro e começar seu monopólio, enquanto Caposso se “amigou” com Bebiana que casou grávida e por ser esposa, ele precisava mostrar ao partido que tinha uma família estruturada (mãe, pai e filhos) e para conseguir prestígio social.

Ainda falando em família, podemos entender que as pessoas gananciosas fazem com que vejam outras pessoas como objetos ou uma forma de conseguir algo através delas. Um ganancioso não tem empatia. Temos como exemplo a Bertoleza que foi usada por Romão e depois descartada como se não fosse nada. E isso nada tem a ver com a condição de escrava fugida, pois ele foi morar com ela, sendo parceira, amante, sócia e, de certa forma, cuidava dele como só alguém da família cuidaria. Em *Predadores*, Caposso toma decisões violentas para conseguir seus objetivos:

De facto, Vladimiro Caposso em breve cansou da beleza de Bebiania. A Manuela, uma companheira da Jota, foi a primeira séria aventura extraconjugal. Não saiu ileso do caso. Enquanto durou o interesse, não houve consequências, escondiam bem as relações ilegítimas. Mas quando ele deixou de aparecer a encontros, ela tirou as unhas de fora. Começou a persegui-lo e chegou mesmo às ameaças. Que estava grávida. Não era verdade, pelo menos não podia ser dele, pois usava sempre preservativo por causa desses percalços (PEPETELA, 2005, p. 134).

Acima, vemos o início dos casos extraconjugais de Caposso, sendo que Madalena foi a mais importante, porém Caposso a matou, atirando em seu coração, pois exigia que ela fosse fiel e ela o traiu. A matou na cama enquanto fazia sexo com o tal amante. Em *O cortiço*, João Romão que não conseguia sujar as mãos com o sangue de mulher, mas diversas vezes planejou a morte de Bertoleza, uma delas: “— E se ela morresse?...” (AZEVEDO, 1997, p. 129). E as duas foram rejeitadas pelos amantes e morreram, mas de forma distinta: Bertoleza, abandonada, traída e em desespero, se matou e Madalena foi assassinada com um tiro de um revólver. Em *O cortiço*, vemos:

[...] adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativeiro. Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro. — É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha! A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. (AZEVEDO, 1997, p. 201)

Neste momento, Bertoleza soube que nunca havia sido liberta e que pagou por uma carta de alforria falsa. Ela percebe que confiou cegamente em Romão e que ele a traiu, sem outra reação, pegou uma faca em que estava cortando peixe e se matou. Falando em morte violenta, a morte de Madalena (em *Predadores*), foi causada por José Matias, (capanga de confiança de Caposso). Ele quem descobriu a traição de Madalena e contou a Caposso, mas quem a matou com um tiro no peito foi Caposso.

Caposso matou Madalena de forma fria e calculista: “Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração”. (PEPETELA, 2005, p. 3). Assim, o barulho dos tiros foi abafado pelo movimento ensurdecido das ruas durante uma carreata. A “ocorrência coincide com uma passeata política nas ruas de Luanda, que assinala a proximidade da realização das primeiras eleições multipartidárias no país, em setembro de 1992 (SILVA O., 2017, p. 147)” e assume que fazia isso por si mesmo. Dessa forma, quando somos apresentados a Caposso, já vemos um assassino frio e cruel.

As mortes de Madalena e Bertoleza são dramáticas. Madalena sofre um feminicídio, enquanto que Bertoleza não aguenta as consequências do abandono e da separação, sente tanto sofrimento que, além de descobrir que sua carta de alforria é falsa, descobre as mentiras de Romão e o quanto foi usada por ele.

Após a morte de Bertoleza, vemos o quão hipócrita e ganancioso é Romão, pois as últimas palavras da obra mostram que ele foi aceito como abolicionista sócio através de um diploma. Ele explorou tanto Bertoleza que, aparentemente, não se arrependeu, exceto um mero remorso ao tapar o rosto com as mãos.

Em relação ao termo *ganância* em *Predadores* e em *O cortiço*, não foi encontrada a palavra como referência às ações, mas podemos notar a presença de termos como “cobiça” e “ambição”. N’*O cortiço*, vemos que João Romão tinha uma preocupação em sua vida, que era poder aumentar os bens. Vemos que ele guardava o melhor que ele tinha para os clientes que apareceriam na venda, com a intenção de oferecer o melhor produto e fidelizá-lo, e quando se tratava do consumo próprio, se contentava com os restos ou os produtos considerados mais velhos e gastos:

Aquilo já não era **ambição**, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de **cobiça**, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas. (AZEVEDO, 1997, p. 10 – grifos meus)

Acima, pode-se notar a presença dos termos “ambição” e “cobiça” como sinônimas. No início do primeiro capítulo de *O cortiço*, se observa as características físicas descritas pelo narrador da personagem João Romão. E percebe-se que ele não possuía (ainda) a vaidade física, que é comum dos gananciosos. João Romão não perde nunca “a ocasião de assenhora-se do

alheio, deixando de pagar todas as vezes, mas nunca deixando de receber”, ele engana os fregueses, os rouba em “pesos e medidas”, comprava coisas roubadas dos escravos de seus senhores por um preço abaixo do que os objetos valiam. E foi assim que ele pretendia comprar uma parte da pedreira, que “contemplava de longe com um resignado olhar de **cobiça**” (AZEVEDO, 1997, p. 4).

No que se refere a *Predadores*, vemos o termo “ambição” quando se fala da compreensão de Vladimiro Caposso sobre ambição de outro, mas não a de si. A corrupção sempre está ligada a ganância, pois vemos que “Realmente o perigo não era a **corrupção**, prática normal e universal, mas sim a ameaçadora **corrupção** de preços inflacionados pela concorrência, sentença do próprio VC, sempre pronto a debitar filosofias”. (PEPETELA, 2005, p. 110 – grifos meus). Em um certo momento, quando o filho de Caposso foi preso, ele tentou usar da corrupção para livrar o jovem de um crime de assassinato:

O fiscal não pediu nada de presente, apesar de ter sido prolífico em conselhos, afinal. Chegava mesmo a dar a entender que o caso podia ser resolvido por **corrupção** ou jogo de influências. Caposso não tinha ninguém altamente colocado, o mais graduado conhecido era o coordenador do grupo de ação e esse certamente não chegava lá acima. Ainda bem o fiscal compreendeu a situação dele e não tentou auferir alguma coisa, só lhe poderia dar leite em pó e disso estava ele certamente farto. Ou então o fiscal era esperto, sabia onde podia pedir gorjeta. Fechou a porta, se atirou para o colchão no quarto de arrumos, acabou, esta loja passa a ser apenas residência. Tinha uns tempos para descobrir nova profissão. Como diria o antigo amigo Sebastião, ele se proletarizara, de pequeno-burguês passava a pequenino burguês e isso porque ainda tinha uma casa. (PEPETELA, 2005, p. 63)

Mas porque citar esses termos nas obras? O que significa trazer estes termos para esta análise? O motivo de analisar esses termos serve para verificar como eles se encaixam na narrativa ao tratar as personagens e como são abordados em cada obra. No trecho acima, vemos que tanto João Romão quanto Vladimiro Caposso usavam de suas influências para conseguirem seus objetivos, assim, utilizando-se da corrupção passiva, ou seja, uma vantagem indevida.

É importante destacar que João Romão apresenta ambição e cobiça, ele usa de todos os meios possíveis para conseguir o que quer e, como vimos, usa Bertoleza para ajudá-lo e depois a descarta como se ela não representasse nada em sua vida. Bertoleza, apesar de ex-escrava na percepção social, servia aos objetivos de João Romão, é explorada ao extremo, até não servir mais. Em *Predadores*, Caposso, em diversos momentos, demonstra-se egoísta e faz de tudo para atingir seus objetivos. Observe:

Fome? Só fome de dinheiro. Quanto mais dinheiro, mais fome. Por isso Caposso não ouviu os conselhos do amigo Karim, seu sócio para alguns negócios, se meteu também no novo maná para alguns empresários, o secreto comércio de armas. Só com uma diferença. Enquanto a maior parte, constituída por algumas altas figuras, políticas ou

militares, ganhava comissões com armas que o país comprava fora, pelo menos era voz pública, VC⁴³ tentou ser original e se meteu no negócio de vender armas para o exterior (PEPETELA, 2005, p. 165).

Pode-se notar a ganância por dinheiro que Caposo possui. Além de ter sua empresa de carros e mercados, ele também tinha negócios paralelos e fora da lei. Aqui vemos uma tentativa de se iniciar um negócio de vendas de armas de fogo. Caposo não se contentava com os bens e prestígio social que possuía. Sempre queria mais e mais. Dessa forma, sempre buscando novas formas de ganhar dinheiro.

Em relação ao termo “soberba” pode-se observar que João Romão amargurado devido não ter buscado prestígio social, quando o seu interesse era mais pelo dinheiro. Envolvido com a pobreza, João Romão nunca tinha pensado em se envolver com pessoas acima de sua realidade social, as pessoas pobres faziam com que se sentisse um igual, mas, na medida que ia ganhando dinheiro, começou a perceber que poderia mudar de *status*, buscando ampliar suas relações com pessoas de elevada condição social e passou a frequentar lugares com a alta burguesia, assistindo peças de teatros, visitando bailes e encontros sociais. Às vezes, sentia-se arrependido por não ter buscado a ascensão social no lugar de acumular dinheiro, porém não se arrependia de investir no que trouxesse mais dinheiro e agora sua preocupação era o prestígio social. Observe:

E um desgosto negro e profundo **assoberbou-lhe** o coração, um desejo forte de querer saltar e um medo invencível de cair e quebrar as pernas. Afinal, a dolorosa desconfiança de si mesmo e a terrível convicção da sua impotência para pretender outra coisa que não fosse ajuntar dinheiro, e mais dinheiro, e mais ainda, sem saber para que e com que fim, acabaram azedando-lhe de todo a alma e tingindo de fel a sua **ambição** e despolindo o seu ouro (AZEVEDO, 1997, p. 95 – grifos meus).

Na narrativa, temos termos sinônimos de ganância, um que se refere a “soberba” e também o termo “ambição”, quando João Romão observa as obras de construção e planejava como roubar os materiais de construção e assim cautelosamente os roubos aconteciam com a ajuda de Bertoleza. Acima, vemos um exemplo de apropriação indébita. Observe que João Romão roubava motivado por ela:

E o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão. Hoje quatro braças de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores. (AZEVEDO, 1997, p. 4).

⁴³ VC é uma sigla (abreviatura) usada pelo narrador de Predadores para se referir a Vladimiro Caposo.

Então motivado pela inveja do Miranda (outro português morador de Botafogo), sempre dizia o quanto João Romão era malvestido e dizia que ele era um “ente atrofiado pela **cobiça** e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, invejava agora o Miranda” (AZEVEDO, 1997, p. 92). Em um outro momento, vemos o termo “cobiça” quando o narrador, após o roubo das garrafas de dinheiro do Libório, o chama assim. João Romão ainda o chama de avarento:

Amaldiçoou aquele maldito velho Libório por tamanho relaxamento; amaldiçoou o governo porque limitava, com intenções velhacas, o prazo da circulação dos seus títulos; chegou até a sentir remorsos por não se ter apoderado do tesouro do **avarento**, logo que este, um dos primeiros moradores do cortiço, lhe apareceu com o colchão às costas, a pedir chorando que lhe dessem de esmola um cantinho onde ele se metesse com sua miséria. João Romão tivera sempre uma vidente **cobiça** sobre aquele dinheiro engarrafado; fariscara-o desde que fitou de perto os olhinhos vivos e redondos do abutre decrépito, e convenceu-se de todo, notando que o miserável dava pronto sumiço a qualquer moedinha que lhe caia nas garras. (AZEVEDO, 1997, p. 63 – grifos meus).

Então como que nossas personagens chegaram tão longe? Para começar respondendo a esta pergunta, podemos ver que Romão roubou um velho doente em uma situação de tragédia e não oferecendo nenhuma forma de socorro e nem chance de ele se defender. Uma outra possibilidade para explicar como as personagens puderam conquistar o que conquistaram, é que tiveram pessoas de confiança.

Em *Predadores*, Caposso tem um capanga chamado Matias e uma secretária fanática por ele, mas que não tinham um relacionamento, apenas uma admiração muito grande da parte dela. Chamada às vezes de Magricela e outras de Esparguete, ela tinha acesso até na arma de fogo de Caposso. Já Romão, como já vimos, tem Bertoleza ao seu lado exercendo esse papel. Diversas vezes vemos a paixão que ela tinha e nutria por ele: “E, no entanto, adorava o amigo, tinha por ele o fanatismo irracional das caboclas do Amazonas pelo branco a que se escravizam, dessas que morrem de ciúmes, mas que também são capazes de matar-se para poupar ao seu ídolo a vergonha do seu amor (AZEVEDO, 1997, p. 167).

Vemos que cada um começa muito pequeno, e cada um deles abre um negócio no qual adquire seus próprios nomes: A Caposso Trade Company (PEPETELA, 2005, p. 89) e “; e na tabuleta nova, muito maior que a primeira, em vez de “Estalagem de São Romão” lia-se em letras caprichosas: “AVENIDA SÃO ROMÃO” (AZEVEDO, 1997, p. 177). De motorista a empresário, Caposso “tinha de aceitar a ideia marxista das diferenças sociais baseadas em funções económica. (PEPETELA, 2005, p. 151)”.

Caposso era muito cuidadoso em relação as suas posses, colocando seus bens nos nomes de pessoas da sua família, devido as fiscalizações (PEPETELA, 1997, p. 152). Já Romão,

sempre foi muito cuidadoso em anotar o que gastava e como gastava. Ele investiu muito até monopolizar seus projetos: Ele tinha o cortiço, parte da pedreira, a taverna e parte dos clientes que comiam na taverna trabalhavam lá e pagavam aluguel por morarem no cortiço. Ambos eram inteligentes e usavam esse brilhantismo para crescer os negócios.

Aos vinte anos, o jovem Caposso começou sua trajetória de ascensão econômica. Para iniciar a vida na capital foi necessário arranjar emprego, o que seria difícil se não tivesse indicação pessoal, tendo em vista que não tinha estudos ou qualificação para o mercado de trabalho. O empresário Vladimiro Caposso tornou-se um sujeito violento, de personalidade predadora, desprovido de escrúpulos, que não mede esforços quando o objetivo é inserir-se em meios sociais para obter vantagens econômicas. “O protagonista representa no romance a elite dominante, arrogante, com poder político e que se diverte ostentando a fortuna acumulada”. (RIBEIRO A, 2019, p. 121-122).

Podemos ver que Vladimiro Caposso não é apenas um oportunista, que traz três informações falsas no seu novo Bilhete de Identidade (BI): nome, assinatura e naturalidade. Essa mudança pretendeu mostrar que sua origem pertencia a um passado revolucionário e glorioso, associado à história de líderes mundiais e heróis nacionais, pois o nome Vladimiro é uma adaptação em homenagem a *Vladimir Ilitch Lenin* (Vladimir Ilyich Ulianov), revolucionário e político da história da Revolução Russa. Para Dias:

A identificação com o poder do vencido, o do colonizador, não deveria significar a assimilação dos modos exploratórios e opressores a ele atrelados. Entretanto, tal apropriação é levada adiante e sarcasticamente representada em **Predadores**, visto que o foco de Pepetela volta-se às crueldades da experiência política pós-colonial: no plano internacional, a precária inserção de Angola no contexto globalizado, dependente das obscuras conexões de sua elite; no cenário interno, o processo no qual o MPLA deixa de representar um grupo de guerrilheiros e torna-se partido centralizador e, mesmo, opressor (DIAS, 2020, p. 260-261 – grifo da autora).

Toda a narrativa evidencia os efeitos do avanço capitalista não apenas nas zonas urbanas, mas também no interior, visto que nem mesmo durante o período colonial houve ação exploratória tão invasiva na região. O narrador reflete sobre a vontade de Caposso em ser jogador de futebol e seu pai o incentivava a estudar, pois “futebol não mata a fome” (PEPETELA, 2005, p. 41). Quando seu pai morreu, não deixou nenhuma herança para Caposso, apenas a roupa do corpo, relógio e instrumentos da profissão de enfermeiro. Vendeu tudo o que tinha, até os poucos móveis e viajou para Luanda e seguir seus sonhos.

Caposso se torna uma espécie de sócio, por questões de escrituras e outras questões legais, como Amílcar lhe explicou e ele mal entendeu, mas o patrão o prometeu pondo a mão no ombro pela primeira vez na vida, logo que decidisse definitivamente não voltar, arranjará

os papéis para passar legalmente tudo para o nome de Caposso. Ao conseguir o cartão do MPLA, pensou que sua vida se facilitaria, mas morria de medo de ser desmascarado. Mesmo com medo, conseguiu testemunhas e obteve um novo bilhete de identidade e uma nova vida a partir dele. Ele apagou todos os registros do período colonial que conseguiu, e ficou como ajudante de secretariado, ou seja, recepcionista e depois conseguiu o emprego de motorista, que era seu desejo. Mas não tinha carta de habilitação e era caro, mas recebeu facilitações e foi nomeado motorista, onde sua ascensão financeira finalmente começou: “E foi então nomeado motorista do director, que nessa altura teve direito a um dos primeiros carros de serviço distribuídos aos funcionários superiores” (PEPETELA, 2005, p. 66).

Caposso se utilizou das influências de amigos que fazia enquanto motorista e se aproveitou da corrupção que acontecia: “Como o governo desconseguiu totalmente de montar um sistema eficaz de transportes públicos, o processo grassava de vento em popa, trazendo pro ventos cada vez maiores” (PEPETELA, 2005, p. 144) e comprou dois carros de segunda mão se utilizando de poupanças que caíam “escondidamente” em Lisboa:

Numa ida à Holanda, Caposso comprou dois mini-autocarros em segunda mão, usando as poupanças que tinham ido cair escondidamente ao banco em Lisboa. Utilizando para o efeito conhecimentos antigos da Jota estrategicamente posicionados, conseguiu que os dois carros embarcassem para Luanda sem pagar custos de transporte nem de alfândega. Arranjou dois motoristas, pôs os carros no processo. O sistema era simples. Cada motorista, vulgo candongueiro, tinha de lhe entregar ao fim do dia certa quantia e arcar com todos os custos de manutenção dos carros. Se sobrasse dinheiro, era para o motorista (PEPETELA, 2005, p. 144).

Finalmente, após trair um de seus colegas do partido com a promessa de que seria nomeado a um cargo melhor, ele também é traído, “descobrimos finalmente que os seus cuidados em esconder os negócios eram em vão, preferiu desaparecer da cena política, se fazer de sombra. Nem já ao acto final do congresso compareceu” (PEPETELA, 2005, p. 149-150), se afastando do partido e investindo em sua frota de carros, se tornando depois um grande burguês (PEPETELA, 2005, p. 146). Durante a narrativa, vemos situações em que ele investe no que ele pode ganhar mais, como por exemplo, prostituição, tráfico humano, corrupção em diversos níveis, um deles é se utilizar de amigos influentes para livrar um dos filhos da cadeia e do alistamento militar (corrupção passiva). Assim, vemos como a ganância está inserida na vida de Caposso e de sua família e quais os benefícios financeiros recebia através de acordos ilícitos.

Em relação à ascensão social de João Romão, em *O cortiço*, temos primeiro a fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às Ave-Marias, e a maior parte deles ia comer à casa de pasto que João Romão arranjara aos fundos da sua

varanda. Abriram-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele:

Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores. Teve até de admitir caixeiros. As mercadorias não lhe paravam nas prateleiras; o balcão estava cada vez mais lustroso, mais gasto. E o dinheiro a pingar, vintém por vintém, dentro da gaveta, e a escorrer da gaveta para a barra, aos cinquenta e aos cem mil-réis, e da barra para o banco, aos contos e aos contos (AZEVEDO, 1997, p. 10).

A partir disso, vemos seu negócio crescer e ele começou a querer mais. Ele começou a realizar empréstimos a juros, serviço de penhora de bens e as casinhas do cortiço, sempre alugadas: “Durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente” (AZEVEDO, 1997, p. 13). Quando comprou a pedreira, o dinheiro circulava entre seus negócios, pois os trabalhadores da pedreira moravam no cortiço, pagavam aluguel a Romão e seu almoço era na taverna: “aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação” (AZEVEDO, 1997, p. 11). Assim, podemos ver como a prosperidade chegou na vida de Romão. Assim como Caposso, João Romão é estrategista e usou de forma inteligente, tudo o que ganhava ou roubava investia em seu negócio.

A inveja que a riqueza de Romão causava em Miranda era tanta que mesmo brigando por uma parte pequena de um terreno, Miranda via que Romão era bem visto mesmo vestindo roupas velhas:

[...] aquele taverneiro, na aparência tão humilde e tão miserável; aquele sovina que nunca saíra dos seus tamancos e da sua camisa de riscadinho de Angola; aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, tudo, que ganhava ou extorquia; aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, (AZEVEDO, 1997, p. 92).

Acima, é possível observar que Miranda sabia que Romão extorquia e, apesar disso, conseguia crescer financeiramente, pois chegou ao Brasil sem nada e segundo as boas relações que possuía, sempre conseguia sair ganhando em qualquer negócio.

Para Caposso, em *Predadores*, a acumulação de riquezas era o principal modo de investir nos filhos, para que eles trouxessem mais riquezas para a família. Caposso pensava dessa forma, fazia pelos filhos, mas pretendendo algo a mais deles. Como por exemplo, um que fosse médico, o outro advogado:

Ao menos um pouco dos seus vaticínios teria sido cumprido. Tinha dito a Bebianá, antes mesmo de ela parir pela primeira vez, quando resolveram casar: « Precisamos pensar no futuro. Devemos ter um filho que seja médico, é sempre preciso alguém que

tome conta da saúde da família. Precisamos de um jurista, que nos defenda dos golpes da vida. E o resto, quantos mais melhor, devem ser economistas e gestores, para ganharem dinheiro para a família. Teremos pois seis filhos. Eu usarei a minha influência para todos se safarem na vida.» A mulher percebeu que a ela estava reservado o destino de parir filhos e aguentar com as consequências. De facto ela conseguiu reduzir para quatro as pretensões de Caposso. Djamila foi para medicina e aí o vaticínio do pai acertou, teriam alguém que os curasse. Os outros no entanto pareciam estar destinados a frustrarem-no, sobretudo Mireille. Por isso andava radiante com Ivan, embora de forma comedida, até mais ver (PEPETELA, 2005, p. 177).

Dessa forma, a família teria mais prestígio. Diversas vezes livrou o filho Ivan da cadeia ou de servir no exército quando tivesse a idade de se alistar. Devido as influências e corrupção, livrou o filho de um assassinato que ele cometeu de forma inconsequente, confundindo uma pessoa atravessando a rua com um cachorro e o atropelou sem piedade e não ofereceu nenhum socorro. Caposso também lembrou ao conversar com uma de suas filhas que não saísse sozinha, que tinha um negócio de tráfico humano, de prostituição de menores.

Em relação a isso, o tráfico de pessoas na África acontecia desde o período colonial. Dessa forma, as pessoas presas eram vendidas como escravas na Europa e Américas. Com a saída dos portugueses de Angola, a exploração social e mesmo sexual, continua existindo na Angola, mas de forma diferente do período colonial. Em *Predadores*, essa exploração acontece devido o capitalismo, que converte as pessoas em mercadorias. Caposso ao se tornar um grande burguês, usa de sua influência e poder econômico para perpetuar esse sistema escravista em foco da exploração sexual de adolescentes menores de idade. Como pai, ele não iria querer que algo de ruim acontecesse as suas filhas.

João Romão e Vladimiro Caposso foram seduzidos pela riqueza e o poder que o dinheiro podia trazer. Caposso quando conseguiu pôr as mãos em dinheiro público, ainda trabalhando como motorista na Secretaria de Educação: “Faustino geriu com mestria e dedicação os dinheiros públicos, tendo sido suficientemente generoso para que Caposso pudesse também meter no bolso uma verba importante (PEPETELA, 2005, 144). Uma das vezes em que vemos ele esbanjando dinheiro é quando realiza seu casamento pela igreja católica e contrata até mídia televisiva, com mil convidados (PEPETELA, 2005, p. 204). Ao mesmo tempo, ele já estava devendo muito dinheiro na fazenda que deu para Ivan administrar. Uma de suas filhas gostaria de criar uma escola nesse local, mas Caposso não aceitou a ideia, porque seria um investimento que daria prejuízo e de fato, o que deu prejuízo foi ter murado sua fazenda de forma que o gado da região não conseguisse passar para beber água do rio.

Já João Romão tinha muita astúcia em seus planos, percebendo que era possível, por meio do trabalho, do roubo, da fraude e da exploração, de todas as suas armações, acumular

riquezas e ressentir-se das muitas pessoas que explorou. Os antigos moradores que não se adequavam à nova disposição eram expulsos, migrando para o cortiço vizinho, pertencente ao Miranda. Com efeito, o que se percebe com a reordenação do cortiço de João Romão é um reforço por parte da narrativa, tanto para descrever o cortiço de maneira mecânica e organizada, quanto para descrever organicamente o caos, a desordem e o descontrole do cortiço vizinho. Através do recurso de contraste entre estas duas habitações vizinhas, Aluísio consolida em seu romance o êxito do capitalista estrangeiro e branco sobre a força orgânica do meio natural, bem como podemos ver em:

— Vou reedificar tudo isto! declarou João Romão, com um gesto enérgico que abrangia toda aquela Babilônia desmantelada. E expôs o seu projeto: tencionava alargar a estalagem, entrando um pouco pelo capinzal. Levantaria do lado esquerdo, encostado ao muro do Miranda, um novo correr de casinhas, aproveitando assim parte do pátio, que não precisava ser tão grande; sobre as outras levantaria um segundo andar, com uma longa varanda na frente toda gradeada. Negociozinho para ter ali, a dar dinheiro, em vez de uma centena de cômodos, nada menos de quatrocentos a quinhentos, de doze a vinte e cinco mil-réis cada um! Ah! ele havia de mostrar como se fazem as coisas bem feitas. O Miranda escutava-o calado, fitando-o com respeito. (AZEVEDO, 1997, p. 162).

No trecho acima pode-se observar um de vários momentos em que as obras realizadas por João Romão no cortiço expõem seu interesse de investir em alguma coisa que trouxesse prosperidade, ou seja, sempre pensava numa vantagem econômica. Primeiramente, quando não tinha muito dinheiro, e não havia lucros para escolher a clientela, Romão recebia hóspedes com pouca aquisição financeira que foi depois modificada: “Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora”. (AZEVEDO, 1997, p. 175). “João Romão fizera-se o fornecedor de todas as tabernas e armazéns de Botafogo (RJ)” (AZEVEDO, 1997, p. 192). Nestes trechos pode-se compreender a visão de Romão em crescer e prosperar financeiramente.

Romão era extremamente mesquinho e economizava mais o que seria razoável imaginarmos, contudo, aos leitores contemporâneos, isso devia parecer mais admissível do que alguém que convivia com ex-escravos, operários, desempregados e “toda a gentinha das redondezas”, se preocupar em ter um aparelho de jantar diversificado e importado da Inglaterra. Se há exagero na história de João Romão, ele está na sua mudança de comportamento, passando a ser mais sofisticado com demasiada pressa e sem maiores explicações (BOUCINHAS, 2010, p. 131). Pensando na fala de Boucinhas (2010), percebe-se que Romão negociava sempre com juros altos e de quem quisesse negociar com ele. Por isso:

[...] faziam-se largos contratos comerciais, transações em que se arriscavam fortunas; e propunham-se negociações de empresas e privilégios obtidos do governo; e realizavam-se vendas e compras de papéis; e concluíam-se empréstimos de juros fortes sobre hipotecas de grande valor. E ali ia de tudo: o alto e o baixo negociante; capitalistas adulados e mercadores falidos; corretores de praça, zangões, cambistas; empregados públicos, que passavam procuração contra o seu ordenado; empresários de teatro e fundadores de jornais, em apuros de dinheiro; viúvas, que negociavam o seu montepio; estudantes, que iam receber a sua mesada; e capatazes de vários grupos de trabalhadores pagos pela casa; e, destacando-se de todos, pela quantidade, os advogados e a gente miúda do foro, sempre inquieta, farisqueira, a meter o nariz em tudo, feia, a papelada debaixo do braço, a barba por fazer, o cigarro babado e apagado a um canto da boca (AZEVEDO, 1997, p. 192).

Segundo a citação acima, se observa que a casa de João Romão crescia e prosperava. E assim, quanto mais ele crescia, já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o "Cabeça-de-Gato" e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. "O cortiço aristocratizava-se" (AZEVEDO, 1997, p. 192-193).

João Romão acerta em cheio quando resolve comprar alguns terrenos vizinhos e abrir um cortiço que alcança o número impressionante de 95 casinhas. Vejamos:

João Romão via tudo isto com o coração moído. Certas dúvidas aborrecidas entravam-lhe agora a roer por dentro: qual seria o melhor e o mais acertado: — ter vivido como ele vivera até ali, curtindo privações, em tamancos e mangas de camisa; ou ter feito como o Miranda, comendo boas coisas e gozando à farta?... Estaria ele, João Romão, habilitado a possuir e desfrutar tratamento igual ao do vizinho?... Dinheiro não lhe faltava para isso... Sim, de acordo! mas teria animo de gastá-lo assim, sem mais nem menos?... (AZEVEDO, 1997, p. 94-95).

Aqui, observa-se que João Romão começa a pensar se valia a pena se provar dos prazeres e luxos que seu dinheiro e sua economia poderiam pagar ou se continuaria ganhando muito dinheiro e continuaria se privando de gastar o que ganhava além das necessidades básicas de sua casa e seu monopólio. A partir desses pensamentos, ele começa a desejar mais prestígio social e não apenas dinheiro. Então começa a planejar como conseguir tal prestígio e uma forma de conseguir isso, é melhorando sua aparência física, cuidando melhor de seu corpo e investindo em boas roupas, perfumes, se arrumando melhor.

Antes de pensar em melhorar a aparência, de acordo com De Quadros (2007), Romão se preocupava em "fazer fortuna é tão grande que leva ao relaxamento com a própria aparência, a sujeição ao desconforto e a autoimposição de um regime de trabalho que ultrapassa muitas vezes o limite físico" (DE QUADROS, 2007, p. 5).

A sua posterior "aristocratização", atingida após uma profunda modificação em seu comportamento e em sua aparência física, embora revele a ação do meio sobre o comportamento humano e se apresente como uma consequência do evolucionismo, não deixa de se apoiar no pragmatismo da personagem, que, após enriquecer, passa a alimentar o sonho de ganhar títulos de nobreza (DE QUADROS, 2007, p. 6).

Assim, “Graças a sua fome napoleônica por riquezas, Romão constrói o cortiço e se apropria do sobrado do vizinho Miranda. E o cortiço se transforma numa avenida, a avenida São Romão. Romão, com a acumulação de bens de raiz e também de capital simbólico, nem planos faz de regressar a Portugal” (SEREZA; FACIOLI. 2020, p. 176). Segundo as palavras de Miranda, “Feliz e esperto era o João Romão! Esse, sim, senhor!” (AZEVEDO, 1997, p. 14). Quando finalmente o senhor Botelho, com tanta ganância quanto Romão, dá a ideia de dar um fim a escrava Bertoleza e obter seu lucro do casamento de Romão, eles negociam uma propina para que Botelho o ajude a dar um fim na escrava. Vejamos:

João Romão escutava, caminhando calado, sem mais vislumbres de agitação. Tinham chegado à praia. — Você quer encarregar-se disto? propôs ele ao companheiro, parando ambos à espera do bonde; se quiser pode tratar, que lhe darei uma gratificação menos má... — De quanto?... — Cem mil-réis! — Não! dobre! — Terás os duzentos! — Está dito! Eu cá, pra tudo que for pôr cobro a relaxamento de negro, estou sempre pronto! — Pois então logo mais à tarde lhe darei, ao certo, o nome do dono, o lugar em que ele residia quando ela veio para mim e o mais que encontrar a respeito. — E o resto fica a meu cuidado! Pode dá-la por despachada! (AZEVEDO, 1997, p. 191).

Segundo o trecho acima, Romão havia planejado com Botelho, uma forma de Romão se livrar de Bertoleza. Boucinhas (2010 p. 126) faz uma pergunta bastante perspicaz: “O que alguém, que não pertencesse às grandes famílias, deveria fazer para ser visto e aceito como um par entre as pessoas de maior prestígio no Brasil, ao final do II Reinado?”. Dessa forma, vemos a ambição de Romão em adquirir um título:

Sim, sim, Visconde! Por que não? e mais tarde, com certeza, Conde! Eram favas contadas! Ah! ele, posto nunca o dissera a ninguém, sustentava de si para si nos últimos anos o firme propósito de fazer-se um titular mais graduado que o Miranda. E, só depois de ter o título nas unhas, é que iria à Europa, de passeio, sustentando grandeza, metendo invejas, cercado de adulações, liberal, pródigo, brasileiro, atordoando o mundo velho com o seu ouro novo americano! (AZEVEDO, 1997, p. 183).

Assim, como vemos acima, Romão e Botelho combinaram de entregar a escrava fugida para seu antigo dono e se livrando dela, Romão poderia se casar com a filha de Miranda e conseguir um título de nobreza, como conde⁴⁴ ou visconde e conseguir o prestígio social que

⁴⁴ Títulos de nobreza que acompanhavam o rei como um assessor e tinham poderes especiais. O conde era o oficial e o visconde era quem substitua o conde. Ver mais em: GUEDES, Rodolfo Pereira; VIEIRA, Roger Ives.

desejava através do matrimônio. Vale ressaltar que se não se casasse com quem pudesse dar um título, ele mesmo compraria, pois Romão já se imaginava na posição de um título e quem daria, seria o casamento com Zulmira, filha de Miranda. João Romão, com medo de ser iludido, não confiava nunca aos empregados a menor compra a dinheiro (AZEVEDO, 1997, p. 94). Em determinado momento, ele começa a se preocupar com sua aparência física:

No entanto, começou a imaginar como seria, no caso que estivesse prevenido de roupa e aceitasse o convite: figurou-se bem vestido, de pano fino, com uma boa cadeia de relógio, uma gravata com alfinete de brilhantes; e viu-se lá em cima, no meio da sala, a sorrir para os lados, prestando atenção a um, prestando atenção a outro, discretamente silencioso e afável, sentindo que o citavam dos lados em voz mortiça e respeitosa como um homem rico, cheio de independência. E adivinhava os olhares aprobativos das pessoas sérias; os óculos curiosos das velhas assestados sobre ele, procurando ver se estaria ali um bom arranjo para uma das filhas de menor cotação (AZEVEDO, 1997, p. 98).

Além da inveja que sentia de Miranda, especialmente após ele conseguir o baronato, que começou a demonstrar cuidados com sua aparência física e desejar prestígio social (AZEVEDO, 1997, p. 123-124). Assim, podemos perceber que a cobiça de ter dinheiro se tornou em querer que as pessoas sentissem inveja devido sua ascensão social e financeira. E essa ascensão não se deu de forma honesta, mas através de roubos.

Ele tomou de conta das economias da Bertoleza: “Entretanto, a tal carta de liberdade era obra do próprio João Romão, e nem mesmo o selo (...). O senhor de Bertoleza não teve sequer conhecimento do fato” (AZEVEDO, 1997, p. 3). Outro roubo de Romão foi ao senhor Libório em seu leito de morte. Eram garrafas com dinheiro. No segundo incêndio que destruiu o cortiço, Romão viu Libório, depois de escapar da confusão do incêndio, fugia desesperado para o seu esconderijo. E seguiu-o disfarçadamente e tirou algo do “colchão imundo” (AZEVEDO, 1997, p. 160).

Ao ver que eram garrafas, cerca de meia dúzia, tomou as garrafas sem ajudar o velho, que desfaleceu tentando proteger as garrafas. “Libório, por única resposta, arregaçou os beiços, mostrando as gengivas sem dentes e tentando morder a mão que o vendeiro estendia já sobre as garrafas” (AZEVEDO, 1997, p. 160). Após isso, “João Romão atravessou o pátio de carreira e meteu-se na sua toca para esconder o furto. Ao primeiro exame, de relance, reconheceu logo que era dinheiro em papel o que havia nas garrafas. Enterrou a trouxa na prateleira de um armário velho cheio de frascos e voltou lá fora para acompanhar o serviço dos bombeiros. (AZEVEDO, 1997, p. 160). Dessa forma, “verificou que as garrafas eram oito e estavam cheias até à boca de notas de todos os valores (AZEVEDO, 1997, p. 161-163).

Como se perceber João Romão se torna uma nova pessoa, mudando de aparência, e com o casamento visa ter mais prestígio. Ele se encanta pela forma como as pessoas mais ricas se comportavam e isso se tornava um atrativo pessoal. Dessa forma, ele deixa de andar com suas roupas velhas e sujas e passa a tomar banho, se perfumar e se preocupar com a aparência física.

No que concerne a *Predadores*, concebe-se a trajetória de Caposso, que antes desejava ser jogador de futebol, mas seu pai fez com que driblasse esse sonho, mas que vai visando ser algo politicamente maior que é ser um político de sucesso. Segundo Machado (2021, p. 165), ele só entrou para um partido político, porque sua filiação sugere o “nascimento de um novo homem”, que está ligado as tradições nacionalistas e socialistas. Ele acaba criando para si toda uma nova história e passado para poder ter uma vida melhor e aproveitou a oportunidade da Independência de Angola para isso. Isso significa que o país estava destroçado devido as guerras para independência de Portugal e pelo partido que ficaria com o controle do país. Diante disso, só aproveitou a ocasião da luta anticolonial para enriquecer durante a troca de governo.

Dessa forma, é possível afirmar de acordo com De Carvalho, que o Brasil recebeu ao “transportar pessoas, esse comércio colocava em circulação suas crenças, valores, hábitos, formas de ser, de pensar e agir (2016, p. 1)”. Por conseguinte, o “Brasil de hoje é fruto dos confrontos e das trocas provocados por este contato (DE CARVALHO, 2016, p. 1)”. Por isso, pode-se identificar uma influência, uma aproximação entre os romances analisados, pertencentes aos referidos países.

Portanto, vemos duas personagens que foram empregadas em alguma mercadoria e que ascenderam se tornando sócios/donos do local e movidos pela ganância fizeram com que todos os seus esforços fossem no intuito de ganhar mais dinheiro. Ambos furtaram, exploraram e cresceram economicamente, não importando com o que acontecia a outras pessoas. Vale lembrar a exploração de mão de obra humana, em especial por Romão a Bertoleza. E no caso de Caposso, vemos que tratava mal os empregados e, em algumas passagens, uma das filhas repete o comportamento. Dessa forma, temos esse elemento em comum, a *ganância* entre essas duas personagens.

Enfim, é possível compreender a importância da ganância de João Romão e de Caposso em *O cortiço* e em *Predadores*, respectivamente, principalmente no desenrolar de seus objetivos e experiências de vida, tentando, assim, alcançar sucesso através de suas atitudes em países que compartilham de uma história e cultura em comum, ou seja, países colonizados por

Portugal (Império Colonial Português), que estão ligados por um mercado escravocrata por cerca de 3 séculos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se realizar uma análise da ganância de João Romão, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e Vladimiro Caposso, em *Predadores*, de Pepetela, fazendo considerações sobre a representação social. Nesse sentido, compreendeu-se a ganância das personagens ocorrem conforme aspectos histórico-políticos, sociológicos e psicológicos. Assim, percebeu-se que as obras estão intimamente ligadas às práticas sociais, pois há uma ligação entre elas no que diz respeito ao que sociedade condiciona e determina em relação a certos comportamentos, aqui especificamente, nas narrativas do romance. Dessa forma, na análise, conseguiu-se estabelecer uma análise da ganância em *O cortiço* e em *Predadores* sob aspectos sociais, observando-se que o dinheiro é o objeto que orienta e dirige as ações de João Romão e Vladimiro Caposso nas narrativas estudadas das possibilidades de ascensão financeira no ambiente desfavorável do capitalismo.

A colonização portuguesa no Brasil foi causada pela exploração, povoamento, extermínio e conquista de povos indígenas em busca de mais riquezas. Em relação a Angola, a riqueza do território africano era imensa, mas era a exploração do tráfico negreiro, a atividade que mais lucros trazia à coroa portuguesa.

Nos textos de Azevedo e Pepetela existem características estudadas e analisadas através da Literatura Comparada e a Representação Social que se podem explicar alguns conceitos sobre a ganância dos personagens citados, como Romão e Caposso. Eles nasceram em famílias simples e cresceram financeiramente à custa da opressão dos que os rodeavam. Em ambas as obras, observou-se um retrato do regime colonial e pós-colonial. Contudo, a ganância dos portugueses resultou em uma herança de corrupção no Brasil e em Angola, como vistas nas obras.

Em *O cortiço*, há uma hierarquização da divisão do trabalho e das relações de poder, enquanto o período da escravidão perdura por tanto tempo que a imagem do escravo em nosso país tem sido associada à cor da pele dos africanos, o que é uma evidência óbvia sintoma do racismo que persiste em nosso país até hoje e isso foi retratada na obra de Azevedo. Em *Predadores*, em Angola, temos uma população que luta contra a colonização e pela independência de seu país - e ao mesmo tempo, quando consegue, há novas lutas pelo controle local de um governo corrupto.

Dito isto, considere que as obras puderam ser bem analisadas por meio de um estudo comparativo, pois vimos muitas semelhanças, como por exemplo o papel da sociedade na

promoção e o prestígio social e financeiro buscado em ambas as narrativas. Dessa forma, por se tratar de Brasil e Angola, dois países colonizados por Portugal em busca de independência política e social, vemos problemas históricos como a exploração social.

Dessa forma, podemos compreender a ambição dos personagens segundo o modelo histórico-político e social através das épocas de cada obra e como sofrem influências socioculturais que as levam a querer agir de acordo com esses propósitos gananciosos, pois o ganancioso e ambicioso são egoístas e não gostam de dividir, ou seja, não gostam de compartilhar nada e faz de tudo para ter sempre mais e busca poder e prestígio social como um dos seus maiores objetivos de vida. Diante disto, podemos perceber todas essas características nas personagens de João Romão e Vladimiro Caposso ao longo das narrativas estudadas.

No que se refere à ascensão social, a índole de Caposso, na contramão desse momento histórico, foi aquecida pelo desejo de se tornar a grande burguesia. Assim, Caposso ascendeu financeira e socialmente através da corrupção do seu partido político, e com os lucros dessa corrupção tornou-se grande burguês. Mentiras, subornos e crimes diversos passaram a fazer parte da vida do protagonista que realçou sua personalidade capitalista até se tornar um dos homens mais ricos de Angola em menos de duas décadas.

O personagem João Romão é um exemplo de homem que conquista o meio ambiente no qual está inserido. O ambicioso português que aproveita todas as oportunidades para aumentar sua renda. Ele atinge seus objetivos por meio da exploração do trabalho humano. E até mudou sua forma de vestir, comer e agir para abraçar a ideologia burguesa. Aqui vemos um paralelo entre o que foi mais explorado por Portugal no Brasil e em Angola, que é a figura do português explorador e colonizador.

Dado a análise de Caposso e Romão, pudemos refletir a literatura de forma a se apropriar de fragmentos sociais para descrever personagens fictícios com valores reais, de acordo com a experiência do autor ou por onde ele possa passar, transformando personagens em representações de estruturas vigentes para desafiar os papéis predeterminados pela sociedade, considerada como ferramenta reguladora do sistema.

A ganância em *O cortiço* se mostra responsável pela transformação do caráter de João Romão, o que pode ser percebido na análise de seu processo de ascensão. Romão consegue tudo o que deseja e não se importa com as consequências, pois ele sempre conseguia se desvencilhar de sofrer consequências negativas. E apesar de ter prejudicado muita gente, ele conseguiu sair impune pela morte de Bertoleza que apesar de ter cometido suicídio, aconteceu devido a trama causada por Romão para se ver livre dela. Neste caso, ela não era mais útil para

ele. Além de tudo isso, conseguiu um reconhecimento como um abolicionista, ficou noivo de uma burguesa e possuía muitos bens e imóveis e comércios.

No que diz respeito a Caposso, é um personagem calculista e frio, e que se move apenas para satisfazer seus interesses, mas até para ele o mundo parece fixo: seja na política ou nos negócios, Caposso acaba perdendo sua fortuna, o que prova que o dinheiro da mineração fica nas mãos dos predadores, que dá o nome a obra. Isso significa que ele era um predador porque ficou rico à custa da exploração social e agora surgiram outros predadores maiores que ele. Aos poucos ele foi perdendo o prestígio social e sua fortuna devido não medir consequências dos seus atos.

Portanto, em *O cortiço*, percebeu-se que com a ganância, João Romão mudou sua aparência para ter mais prestígio, se tornando um homem mais elegante, uma nova pessoa, isto no que se refere ao âmbito social. É o *status* social que eleva sua ambição, se encantando com festas e encontros sociais. É assim que para de andar com roupas sujas e velhas, começando a tomar banho com frequência e se preocupando com a aparência física. Por outro lado, em *Predadores*, observou-se a trajetória de Caposso, que muda o rumo de sua vida para enveredar num mundo de ganância e ambição através situações em envolvem prostituição, tráfico humano, corrupção.

Dessa forma, é possível compreender que a ganância de Caposso envolve sua família e benefícios financeiros em acordos ilícitos. Dessa forma, as duas personagens, através da ganância, ascenderam de forma particular nas narrativas, se tornando donos ou sócios de negócios que envolvem trapanças e crimes, sendo que os seus esforços são sempre no intuito de ganhar dividendos. Os personagens analisados cometeram furtos, exploração econômica, assassinatos, não se importavam com outras pessoas, apenas com seus interesses, recordemos a exploração humana de Bertoleza por Romão. E em relação a Caposso, percebeu-se que, nas relações de trabalho, maltratava os empregados e a família. É nesse sentido que se observou a importância da ganância nas ações das personagens de João Romão e de Caposso, especificamente, em *O cortiço* e em *Predadores* para alcançar o almejado sucesso através de suas ações em países que foram colonizados por Portugal e que compartilham de uma história social e cultural comum, que é o da exploração da colônia.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30ª ed., São Paulo: Ática, 1997. (Bom Livro)
- BETZ, Louis Paul. Observações críticas a respeito da natureza, função e significado da história da Literatura Comparada. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 44-59, 1994.
- BONNICI, Thomas. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- BOUCINHAS, André Dutra. Os fracassos de João Romão e Rubião. **Olho d'água**, v. 1, n. 2, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.) Pierre Bourdieu. São Paulo, Ática, 1994.
- BRUNEL, P.; PICHOS, C.; ROUSSEAU, A. M. **Que é Literatura Comparada?** (trad. C. Berretini). Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- CARVALHAL, Tânia Franco. 1943 - **Literatura Comparada** / Tânia Franco Carvalhal. - 4. ed. rev. e ampliada. - São Paulo: Ática, 2006.
- CARVALHAL, Tania Franco. Teorias em Literatura Comparada. **Revista brasileira de Literatura Comparada**, v. 2, n. 2, p. 09-18, 2017.
- CHAUVIN, Jean Pierre. Anticolonialismo. **Revista de Estudos de Cultura**, n. 03, p. 49-55, 2015.
- COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco. Literatura Comparada: textos fundadores. **Rio de Janeiro: Rocco**, 1994.
- DA SILVA, Renata Flavia. Mulemba. Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 19-33, jul./dez. 2010. IBI SUNT LEONES. **Revista Mulemba**, v. 2, n. 3.
- DE CARVALHO, Juvenal. ANGOLA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO. **Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades**, n. 224, p. 65-73, 2016.
- DE QUADROS, Denise. JOÃO ROMÃO, JERÔNIMO E MIRANDA: amostras da formação de uma identidade nacional. **Literatura em Debate**, v. 1, n. 1, 2007.
- DIAS, Mariana Sousa. VLADIMIRO CAPOSSO E A SUBVERSÃO DO HOMEM NOVO ANGOLANO EM “PREDADORES”, DE PEPETELA. **Macabéa-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 9, n. 2, pág. 253-273, 2020.
- DURKHEIM, Emile. Durkheim: **Sociologia**. São Paulo, SP: Ática, 1998.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes**. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GRISWOLD, Wendy. Capacidades formais e compreensões relacionais: ganância na literatura, na arte e na sociologia. **Sociologias**, v. 20, p. 86-104, 2018.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.17-44.

JUNQUEIRA, Lília. A noção de representação social na sociologia contemporânea. **Estudos de Sociologia**, 2005.

MACHADO, Carolina Bezerra. A construção do poder em Angola nos romances de Pepetela: os novos ricos e a apropriação do Estado no pós-independência. **Revista Brasileira de História**, v. 41, p. 159-180, 2021.

MARASCHIN, Leila Teresinha. O ESPLÊNDIDO E MÍSERO REI. **Fênix-Revista De História E Estudos Culturais**, v. 11, n. 2, p. 1-19, 2014.

MATTOS, Renato Salles. **Relações de Gênero intermediando a ascensão social do português no Brasil a partir de O Cortiço (1890)**. 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social / editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. -5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PEPETELA. **Predadores**. Lisboa, Dom Quixote, 2005.

PEREIRA, Fernanda Alencar. **Literatura e política: a representação das elites pós-coloniais africanas em Chinua Achebe e Pepetela**. 2012. Tese de Doutorado. Université Rennes 2; Universidade federal de Minas Gerais (Brésil). Faculdade de letras.

RIBEIRO, Aparecida Cristina da Silva. **ENTRE TUBARÕES E SARDINHAS: RELAÇÕES DE PODER NA LITERATURA DE PEPETELA E ONDJAKI**. Tangará da Serra, 2019.

RODRIGUES, Eni Alves. **Crítica acadêmica das literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil**: um estudo de teses produzidas no período de 2013 a 2017, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES/ Eni Alves Rodrigues. Belo Horizonte, 2020.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Vívian Matias dos. Notas desobedientes: decolonialidade e a contribuição para a crítica feminista à ciência. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

SARAIVA, Sueli da Silva. **O pacto das elites e sua representação no romance em Angola e Moçambique**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SEREZA, Haroldo Ceravolo; FACIOLI, Valentim. João Romão, português ou brasileiro?. **Revista Letras**, v. 100, 2020.

SIKORA, Cintia Adriana; GUIDI, Janete Aparecida. BRASIL IMPÉRIO: PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 585-593, 2021.

SILVA, Eldio Pinto da. **Experiência, memória e humor**: representações sociais em as filhas do arco-íris e em primeiras estórias. 2013.

SILVA, Osvaldo. ANÍBAL VERSUS CAPOSSO: PRIMEIRO COMO EPOPÉIA E TRAGÉDIA, DEPOIS COMO FARSA/ANÍBAL VERSUS CAPOSSO: FIRST AS EPICS AND TRAGEDY, SECOND AS FARCE. **Revista Athena**, v. 13, n. 2, 2017.

SILVA, Zoraide Portela. Guerra colonial e independência de Angola: O fim da guerra não é o fim da guerra. **Revista TransVersos**, v. 7, n. 7, p. 154-184, 2016.

TRIVELONI, Marcus Vinicius Garcia. A cidade cria “heróis” e destrói os “fracos”. (sem ano).

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.

ZIMMERMANN, Tânia Regina. Relações de gênero e situações de violência no romance O Cortiço, de Aloísio Azevedo. **Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, n. 6, 2011.